

Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: **305**

Mês: Março
Ano: 2025
Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

O dom marcante de Léo Batista

O locutor esportista Léo Batista morreu aos 92 anos, deixando um legado de competência, profissionalismo, carisma e simpatia entre os fãs. (Por Manoela Ferrari - págs. 10 e 11)



O jornalista Leo Batista foi um exemplo de bom profissional, nos seus mais de 70 anos de prática. Conhecemos as suas atividades a partir da atuação na TV Rio, no Canal 13 do Rio de Janeiro, quando acompanhava Luís Mendes na transmissão de lutas de box. Depois, na Globo, foi um modelo de correção. Foi uma figura exemplar. Com o seu falecimento, perdemos um profissional, que deixará uma bonita marca em nosso jornalismo.

O Editor



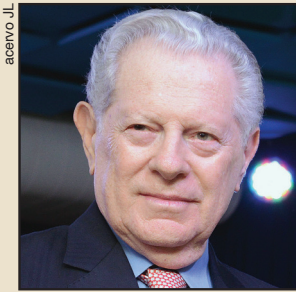
Celso Niskier, reitor da Unicarioca, entregando um exemplar de seu novo livro ao ex-presidente e acadêmico José Sarney: "Uma honra entregar em mãos um exemplar do livro *Educação Mais Inteligente* ao nosso querido presidente Sarney."

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editadora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



A vitória de Fernanda Torres

Com muita razão, Fernanda Torres dedicou o prêmio de melhor atriz do Globo de Ouro à sua mãe, a consagrada atriz e acadêmica Fernanda Montenegro.

Venceu o troféu de melhor atriz em filme de drama intitulado "Ainda estou aqui", filme dirigido por Walter Salles. Ela foi intérprete de Eunice Paiva, numa obra que já tem mais de 3 milhões de espectadores. O seu parceiro foi o ator Selton Mello, que interpretou o deputado Marcelo Rubens Paiva, filho do casal. Fernanda Torres foi a primeira artista brasileira a conquistar um Globo de Ouro de atuação.

Há um motivo especial para a minha incontida alegria: na década de 1970, Fernanda era aluna do Instituto Souza Leão, do qual eu fui diretor. Uma escola especial, com um revolucionário projeto pedagógico. Lembro de uma agitada reunião de pais, em que fui alvo por uma oportuna intervenção de outro pai famoso, o escritor Otto Lara Resende, com a conveniência de Fernanda Montenegro e Fernando Torres, também presentes à reunião.

Para interessar mais ainda os alunos nas atividades docentes, valorizava-se muito a ação teatral. Era uma escola preferida pelos pais artistas, daí a razão da escolha referida. Até que ponto esses primeiros momentos terão induzido a jovem aluna a um comportamento visivelmente artístico?

Quando assumi a direção da escola – e isso aconteceu por três longos anos – não modifiquei essa orientação dos seus coordenadores, todos nomeados pelo então diretor Roberto Leão Veloso Ebert.

Devia respeitar as características experimentais do estabelecimento da rua Macedo Sobrinho, Humaitá, e os resultados foram excepcionais, medindo-se pelo aumento do número de alunos.

Devo esclarecer que só deixei a direção do Instituto Souza Leão quando fui nomeado pelo governador Chagas Freitas para ser o secretário de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro. Do ponto de vista ético, entendi que haveria incompatibilidade entre as duas funções. Hoje, estou convencido de que estava com a visão correta.

"É melhor calar-se e deixar que as pessoas pensem que você é um idiota do que falar e acabar com a dúvida."

Abraham Lincoln

X Concurso Literário Professor Arnaldo Niskier

Por Manoela Ferrari



O vencedor do X Concurso Literário Professor Arnaldo Niskier, Marcelo Júnior Soares, recebeu o prêmio das mãos do acadêmico Arnaldo Niskier, no Teatro Raymundo Magalhães Jr.

A emoção marcou a cerimônia de entrega da premiação dos vencedores do X Concurso Literário Professor Arnaldo Niskier, promovido anualmente pelo CIEE-Rio. O evento aconteceu no auditório do Teatro Rymundo Magalhães Jr., da Academia Brasileira de Letras (ABL), reunindo jovens aprendizes de todo o estado. Eles foram recebidos pela presidente do Conselho de Administração do CIEE-Rio, Andréia Niskier Ghelman, junto com o superintendente executivo Luiz Coppola, o coordenador da fiscalização de aprendizagem profissional Ramon de Faria Santos, a gerente de aprendizagem Luciane da Cruz e o acadêmico Arnaldo Niskier, presidente emérito do CIEE-Rio, que dá nome ao concurso.

O acadêmico Arnaldo Niskier presidiu a mesa do X Concurso Arnaldo Niskier, na cerimônia de premiação ocorrida na ABL.

Ferramenta fundamental para o crescimento e para a conquista de novos espaços, a leitura e a escrita são estimuladas pelos organizadores e colaboradores envolvidos no projeto. Nesta décima edição, a temática proposta foi o “tempo”. Os participantes exploraram a complexidade desse conceito e seu impacto nas experiências humanas, inspirados por músicas marcantes como *Oração ao Tempo*, de Caetano Veloso, e *Tempo Rei*, de Gilberto Gil.

Mais de mil jovens aprendizes de todo o Estado do Rio de Janeiro aceitaram o desafio de explorar as muitas facetas do tempo em textos criativos e bem elaborados ao longo de três meses de preparo. A banca avaliadora selecionou 100 obras, des-

tacando 6 vencedores. Durante a cerimônia, os jovens premiados compartilharam depoimentos comoventes, evidenciando a importância da literatura em suas vidas.

Neste ano, sairá uma edição especial do livro *Escritores da Aprendizagem* com a publicação dos seis textos premiados, além das obras finalistas desta edição e dos textos vencedores das edições anteriores.

Seguem os premiados de 2024:

1. **Marcelo Júnior Soares** (Cabo Frio) – *O relógio dos imortais*
2. **Angela Francisco de Azevedo** (Niterói) – *A jornada das idades*
3. **Julia de Almeida Porto** (Centro) – *O tempo é Tempo?*
4. **Kayena Brito Souza** (Petrópolis) – *Crono*
5. **Diogo Ruy Couto Aguiar** (Macaé) – *Contrastes temporais*
6. **Anna Luiza Caetano** (Centro) – *A dança do tempo e da saudade*



Plateia lotada na cerimônia de premiação do X Concurso Literário Arnaldo Niskier, no Teatro Raymundo Magalhães Jr.



Os finalistas do X Concurso Literário Professor Arnaldo Niskier e os organizadores do evento, no Teatro Raymundo Magalhães Jr.

● PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 1965, nos 450 anos da fundação da cidade do Rio de Janeiro, *Os invasores*, da saudosa acadêmica Dinah Silveira de Queiroz, foi relançado pela Editora Instante.

● O QUE TEM A VER A QUEDA do Império Romano, há mais de 15 séculos, com o mundo de Mark Zuckerberg? Na obra *Roma, o Império Infinito* (Ed. Harper Collins), o jornalista italiano Aldo Cazullo mostra que a civilização romana ainda hoje nos molda.

● *TUDO QUE EXISTE É PALAVRA* (Ed. Pera Book), 18º livro infantil da cearense Socorro Acioli, com ilustrações de Helô Barbi, convida o leitor a descobrir a força das palavras, ao longo de seis contos.

● *SEMPRE REPÓRTER* (Ed. Carambaia, 2024), último livro da precursora do jornalismo literário Lillian Ross publicado em vida, traz reportagens sobre nomes como Chaplin, Hemingway e Chanel.

● LUIZ EDUARDO SOARES, especialista em segurança pública, autor dos sucessos *Elite da Tropa* e *Cabeça de Porco* lançou mais um título: *Crânio de Vidro do Selvagem Digital* (Ed. Brasa).

● EMEDIÇÃO REVISTAE ATUALIZADA pela Editora Difel, o historiador Rodrigo Trespach lançou *Os Nomes da Independência*.

● CONSIDERADO UM DOS MAIS importantes pensadores dos séculos XX e XXI, o filósofo, antropólogo e sociólogo Edgar Morin, de origem judaica, lançou *De Guerra em Guerra: De 1940 à Ucrânia* (Edições Sesc), onde reflete sobre a radicalização dos conflitos, a demonização do inimigo e o sofrimento que as guerras causam nas populações atingidas.

● *FIÇÃO E CONFISSÃO* (Ed. Todavia), de Antonio Candido (1918-2017), reúne quatro ensaios sobre a trajetória de Graciliano Ramos, desde seu começo nos contos até os livros autobiográficos.

● A AMARCORD, SELO DO GRUPO EDITORIAL RECORD, recebeu o prêmio Aloísio Magalhães, da Fundação Biblioteca Nacional, pelo projeto gráfico

da nova edição de *Drácula*, de Bram Stoker. A obra foi responsável por concretizar no imaginário coletivo o vampiro moderno. A edição da Amarcord tem tradução de Lúcio Cardoso.

● PELA PRIMEIRA VEZ, A ATRIZ Isabel Fillardis divide com o leitor suas vivências e memórias, lançando *Muito Prazer, Isabel: Cristina & Fillardis* (Ubook), com reflexões sobre machismo, etarismo, empoderamento feminino preto, espiritualidade, amor, maternidade e racismo.

● PAULA FÁBRIO, QUE GANHOU o Prêmio São Paulo de Literatura de 2013 na categoria autor estreante, lançou *Casa de Família* (Companhia das Letras), onde analisa os efeitos das estruturas patriarcais na esfera íntima.

● *MITO, LITERATURA E O MUNDO AFRICANO* (Ed. Zahar, 2025), de Wole Soyinka, mostra que a mitologia africana faz parte do cotidiano, da linguagem e do mundo simbólico de todos nós.

● *NIHONJIN* (Ed. Fósforo), romance de estreia de Oscar Nakasato e vencedor do Prêmio Jabuti, é uma saga familiar contada a partir de um imigrante que aporta no Brasil no início do século XX para trabalhar nas lavouras de café de São Paulo.

● EM SEGUNDO LIVRO, Tatiana Azevedo resgata as histórias e feitos de grandes mulheres para a construção da história do Brasil. *Existe a Terra*, lançado pela Ed. Sete Letras, trata da herança colonial e violenta que se impôs no país.

● ANGÉLICA FREITAS, escritora gaúcha radicada na Alemanha, volta a surpreender com sua criatividade e humor agudo em seus poemas com *Mostra Mostra* (Ed. Círculo de Poemas).

● *A VERDADE É VAGABUNDA* (Ed. Urutau) é um thriller psicológico e contemporâneo assinado por Lina Borbi, que mistura tempos narrativos e rasuras de caderno.

● *PARA NÃO ACABAR TÃO CEDO* (Ed. Record) é o romance de

DIAGNÓSTICO



estreia de Clarice Freire, autora e artista visual pernambucana, conhecida pelo projeto *Pó de lua*.

● PRIMEIRA PRODUÇÃO BRASILEIRA de ficção católica no formato de longa-metragem, ainda sem data de estreia prevista, é baseada no livro *São Miguel Arcanjo – Um tratado sobre angelologia*, de Loo Burnett, publicado pela PAULUS Editora.

● “*AS FORMAS DO MAR: POESIA CHINESA CONTEMPORÂNEA*” (Ed. Jabuticaba), antologia organizada por Hu Xudong e Marcelo Lotufo e traduzida por Inez Zhou e Dora Ribeiro, apresenta dez jovens poetas chineses que constroem a poesia escrita na China hoje.

● PARA QUEM DESEJA CONHECER a obra da grande escritora portuguesa Florbela Espanca, a antologia *Sonetos*, lançada pela Ed. José Olympio, reúne os volumes que ela publicou em vida: *Livro de Mágoas* (1919) e *Livro de Soror Saudade* (1923), e as obras póstumas *Charneca em Flor* (1930) e *Reliquiae* (1931).

● A PRESTIGIADA AMERICANA Miranda July estreia na Amarcord com *De Quatro*, livro best-seller do *New York Times* e finalista do *National Book Awards* 2024.

● *NA PROA DO TROVÃO* (Laranja Original) é uma investigação poética sobre a trajetória do avô do autor, o poeta Maurício Rosa.

● ANTÔNIO ABUJAMRA: *RIGOR E CAOS* (Edições Sesc), organizado por Marcia Abujamra, traz textos, depoimentos, cartas e extenso material fotográfico que celebram a trajetória do artista.

● EM *A MELHOR ÉPOCA DA NOSSA VIDA* (Ed. Mudaréu), Antonio Scurati mostra uma Itália imersa nos escombros do totalitarismo.

● PARA CELEBRAR O RETORNO DO OASIS e o anúncio de shows no Brasil, a editora Belas Letras lançou uma nova versão da biografia da banda: *Voando Alto – As aventuras do Oasis*, escrita por Paolo Hewitt, com tradução de Paulo Alves.

● AUTOR DE 40 LIVROS sobre espiritualidade contemporânea, com obras traduzidas para 37 idiomas, o best-seller Neale Donald Walsch lançou *Como Conversar com Deus* (Ed. Pensamento).

● COM UMA ABORDAGEM NOVA na literatura vinculada à interface entre direito, ciência política e sociologia, o pesquisador Guilherme Varella lançou *Direito à Folia* (Ed. Alameda), onde analisa os problemas decorrentes do crescimento do Carnaval, a dinâmica urbana, a relação histórica entre o Estado e a folia, entre várias outras questões.

● *O CRISTO CIGANO – GEOGRAFIA* (Companhia das Letras) reúne duas coletâneas de poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004).

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Moto veloz

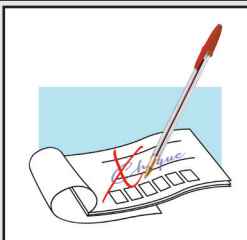
“O motociclista esterçou sua moto entre o corredor de carros com extrema perícia.”

Perfeito! Embora desconhecido da maior parte da população, o verbo **esterçar** existe, e significa manejar o volante para a esquerda e a direita.

Pagamento cancelado

“Marina não aceitou o pagamento do serviço de costureira em xeque.”

Nem poderia! Veja: **xeque** (risco) e **cheque** (documento bancário) são palavras **homônimas homófonas e heterógrafas**, ou seja, têm som igual e grafia diferente. Frase correta: “Marina não aceitou o pagamento do serviço de costureira em **cheque**.”



Naturalidade errada

“Elias desejava uma refeição que só tem no seu Estado, ou seja, uma comida acreana.”

Não vai achar em lugar nenhum, nem na Lua! Usa-se a vogal **i** e não a vogal **e**, antes da sílaba tônica, nos substantivos e adjetivos derivados em que entram os sufixos mistos **-iano** e **-iense** de formação vernácula. Ex.: açoriano (de Açores), horaciano (de Horácio), italiano (de Itália), entre outros.

Frase correta: “Elias desejava uma refeição que só tem no seu Estado, ou seja, uma comida **acriana**.”

Para nunca mais esquecer

Sufixo misto é aquele em que, na sua formação, os elementos etimológicos de origem são associados com outros elementos vernáculos.

No caso de **-iano** e **-iense**, é resultado da combinação dos sufixos **-ano** e **-ense** com um **i**, cuja origem é a analogia com palavras em que esses sufixos figuram precedidos de **i** que faz parte da raiz da palavra. Ex.: horaciano (Horácio) e italiano (Itália).

Areia demais

“Josias estava cansado de trabalhar no areial.”

Não deveria, já que o vocábulo não existe. Observe:

Usa-se a vogal **e** e não a vogal **i**, antes da sílaba tônica, nos substantivos e adjetivos derivados de substantivos terminados em **-eio** e **-eia** ou com eles tenham relação direta. Ex.: aldeão (aldeia), candeeiro (candeia), entre outros.

Frase correta: “Josias estava cansado de trabalhar no **areal**.”

Viagem furada

“Gabriela adorou a estadia no resort mais caro do país.”

Aposto como a viagem não foi tão boa assim! Veja:

Estadia – se aplica para veículos em geral. Ex: como carros num estacionamento, aviões num hangar.

Estada – se aplica para pessoas: Ex: É cara a estada nesse resort?

Frase correta: “Gabriela adorou a **estada** no resort mais caro do país.”

100 anos de perdão

“O bandido arrependido queria espionar seus crimes na confissão diante do padre.” Dessa forma, a confissão não ajudou em nada! Veja:

Espiara – às escondidas, observar secretamente por curiosidade ou interesse. Ex: espionar pelo buraco da fechadura, espionar o namoro da filha no portão.

Expiação – pagar ou se remir (crime, pecado, falta etc). Também significa sofrer as consequências de alguma ação errada ou injusta. Ex: político expiando suas falcatruas e sendo destituído do cargo.

Período correto: “O bandido arrependido queria **expiar** seus crimes na confissão diante do padre.”

Nenhum nem outro

“Isaac disse que não daria nenhum centavo a mais no ingresso do show.”

Nem poderia, escrevendo dessa forma.

Nenhum opõe-se a **algum** (pronome indefinido) e está empregado de forma indevida. O correto é **nem um**, que se opõe a **um, dois** (numerais).

Frase correta: “Isaac disse que não daria **nem um** centavo a mais no ingresso do show.”



Magreza

“Andressa disse que o marido estava magérrimo.”

Perfeito! **Macérrimo** e **magérrimo** são as duas formas do superlativo sintético de **magro**, adotadas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras.

Intentona 1902 – Restauração da Monarquia

Por Agostinho Toffoli Tavoraro*

Neste mês de Novembro, em que no dia 15 comemoramos a Proclamação da República, parece-nos oportuno lembrar episódios que, sinceramente, até pouco tempo, ignorávamos completamente. Amante da história, confesso que jamais havia ouvido ou lido menção a uma tentativa armada de restauração da monarquia ocorrida aqui, no Estado de São Paulo, mais precisamente no seu interior e com maior intensidade nas cidades do Espírito Santo do Pinhal e na hoje Taquaritinga (historicamente São Sebastião dos Coqueiros, depois Distrito de Paz Ribeirãozinho da comarca de Jaboticabal, a seguir Vila de São Sebastião do Ribeirãozinho, ao depois município de Ribeirãozinho, e finalmente, em 1907, Taquaritinga)¹ estendendo-se por Franca, Araras, Mogi Mirim, Araraquara, São Carlos do Pinhal, Casa Branca, como enumerou o “Estado de São Paulo” em sua edição de 25 de agosto de 1902, havendo chegado ao nosso interesse pela leitura de Marcelo M. A. Bogaciovias,² Anderson L. Camelucci³ e Taquaritinga – História e Memória acima citada.

Proclamada a República em 1889, o novo regime feriu os interesses daqueles que privilegiados no governo monárquicos gozavam de benesses, de tal modo que buscaram organizar-se para restaurar o *status quo ante*, colocando no trono a Princesa Isabel, filha de D. Pedro II. Duas décadas depois de proclamada a República, planejaram minuciosamente a conspirata para depor o presidente da República, o campineiro Campos Salles, com dinheiro em caixa, estoque completo de armas de armas, trocas de mensagens e criação de

um Conselho Deliberativo da Revolução, marcando a data de eclosão do movimento, como escreveu Milve A. Peria⁴ entre 22 e 24 de agosto de 1902.

Escreveu Raimundo de Menezes, autor da magnífica biografia de Campos Salles⁵, *biógrafo de truz* na exemplar apresentação que dela fez o então Prefeito Municipal de Campinas Lauro Pérciles Gonçalves, que “*nos começos de 1900, os boatos recrudescem*” e que “*Em plena Rua do Ouvidor declinam-se os nomes dos chefes*”.

A insurreição realmente foi deflagrada nas datas referidas apenas nas cidades de Taquaritinga e Pinhal, ocupando-as os revoltosos e assumindo sua administração. Porém, imediatamente o chefe de Polícia de São Paulo José Cardoso de Almeida tomou medidas repressivas, enviando a Araraquara e Taquaritinga, pela estrada de ferro, um contingente da Força Pública, juntamente como o segundo delegado auxiliar Vitor Ayrosa e um batalhão acompanhado pelo primeiro delegado auxiliar José Roberto Leite Penteadado para Espírito Santo do Pinhal. Essas medidas tiveram como efeito, pela sua simples presença, desestimular os revoltosos a oferecer batalha.

Se luta armada não houve, início sim teve uma batalha jurídica que, iniciada por denúncia contra 32 indiciados oferecida pelo procurador da República, em que foram indiciados como chefes da conspiração nomes que hoje são muitos deles nomes de vias públicas em vários municípios e que o leitor identificará: Araraquara: Antônio Lourenço Corrêa e Carlos Baptista de Magalhães – Campinas: João Aranha – Espírito Santo do Pinhal: Pedreira de Cerqueira, João Sertório e Barão de Mota Paes – São Carlos do Pinhal: Rafael Sampaio e José Inácio De Camargo – São Paulo: Rafael Corrêa da Silva Sobrinho- Taquaritinga: Thomas Sebastião de Mendonça e Leonardo Botelho, gerou inúmeros pedidos de *habeas corpus* ao Supremo Tribunal Federal, alguns concedidos e outros negados, batalha esta que foi encerrada pelo Juiz Federal Dr. Aquino de Castro, declarando-se incompetente de acordo com a legislação que cita e encerrando o processo, improcedente a denúncia.

Fatos que repousam em arquivos poucoamente consultados voltam a ser repensados nos dias de hoje quando se vê repúblicas dilaceradas por lutas pelo poder e se notam regimes monárquicos que primam pela condução democrática de seus súditos.

*Agostinho Toffoli Tavoraro é advogado e presidente da ACL – Academia Campinense de Letras (2006 – 2016).

1 Taquaritinga – História e Memória – Milve Peria – 2016

2 ASBRAP – Associação Brasileira de História e Genealogia – Marcelo Meira Amaral Bogaciovias – A Intentona Monarquista de 1902 – Revista No. 9 pág., 109 – https://asbrap.org.br >artigos > rev9_art6 PDF

3 Crise Monárquica e as Experiências de República no Município de Franca (1880-1906) – <https://www.franca.unesp.br>: Pos-graduação. an...PDF>

4 Op.cit. P.52

5 Vida e Obra de Campos Salles, Prefeitura Municipal de Campinas /Livraria Martins Editora – São Paulo, 1974, p. 179.

A primeira escritora capixaba e santa tecla

Por Francisco Aurélio Ribeiro*

Adelina Tecla Correia Lyrio (1863-1938), filha do coronel Joaquim Correia Lyrio, é a primeira escritora capixaba. Antes dela, outras mulheres publicaram em jornal, mas ela foi a primeira a cultivar a arte literária, sendo reconhecida, em seu tempo, como uma escritora em pé de igualdade com os homens, deles recebendo aplausos e críticas. Segundo Orminda E. Gomes, Adelina Lyrio obteve seu título de professora normalista entre 1878 e 1881, já que, em 1882, ela já se destacava por suas arguições brilhantes nas conferências dadas pelo Dr. Antônio da Silva Jardim para propagar o método de João de Deus, no governo de Inglês de Souza (1882).

Adelina Lyrio foi uma ativista cultural, a primeira professora de Datilografia, em Vitória, educadora, desenhista, pianista, tendo participado das campanhas abolicionistas e dos saraus lítero-musicais que se organizaram nas sociedades libertadoras da década de 1880, ocasião em que se registraram poemas seus, segundo Maria Stella de Novaes.

Após ter-se diplomado como professora, quis ingressar na Academia de Medicina e, para isso, solicitou auxílio ao governo. Foi dissuadida por seu pai e pelo Dr. Pessanha Póvoa (1836-1904), professor e diretor da instrução pública, a mudar de ideia. Como cultivadora das belas letras, foi leitora de Revocata de Melo, Adelina Lopes Vieira, Amália Figueiroa, Zalina Rolim, Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, escritoras atuantes da 2ª metade do século XIX e que publicavam seus textos em jornais pelo país afora, inclusive em Vitória.

Adelina, cujo nome significa “serpente da nobreza”, era nome comum a mulheres do século XIX, bem como seu segundo nome, Tecla, homenagem a uma santa do primeiro século da era cristã. Santa Tecla foi a primeira santa católica considerada protomártir (título equivalente ao de apóstolo para a Igreja Católica). Ela viveu onde, hoje, é a Turquia, num lugar chamado Icônio, nos primeiros anos do Cristianismo. Era de família nobre e fugiu de casa para seguir o apóstolo Paulo e os ensinamentos de Jesus. Santa Tecla não é citada na Bíblia, e a única fonte de informações sobre a sua vida é o livro “Atos de Paulo e Tecla”, escrito, provavelmente, no século II e tido como apócrifo, ou seja, não verdadeiro. Por outro lado, a Carta de Paulo a Timóteo, que está na Bíblia, e também é considerada apócrifa, pode, também, não ter sido escrita por Paulo. Nela, a misoginia, ódio ou preconceito contra mulheres, é perpetuada, ao dizer: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permita, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação.” Essa foi a tônica das igrejas cristãs, em que a mulher, até hoje, não pode ministrar os sacramentos, celebrar missas ou a função de sacerdotisas ou episcopisas.

Adelina Tecla foi transgressora, assim como Santa Tecla, numa sociedade machista e falocrata, embora dezoito séculos a separassem. Não viveram em silêncio e ensinaram com a palavra e o exemplo. Ambas tiveram longa vida e são modelos para as mulheres que não se submeteram ao destino que os homens de suas épocas lhes reservaram, a submissão e o silêncio, abrindo caminho para as sufragistas e as feministas que lhes sucederam.

* Francisco Aurélio Ribeiro é presidente de honra da Academia Espírito-santense de Letras.

Brincando com a língua: a troca de sons

Por José Augusto Carvalho*

Um homem chamado William A. Spooner (1844-1930) gostava de trocar os sons das palavras, como “You have tasted two worms” (Você provou duas minhocas) e “You have wasted two terms” (Você desperdiçou dois trimestres) ou “Queer Dean” (Estranho deão) por “Dear Queen” (Querida Rainha). É por causa de Spooner que esse fenômeno em inglês tem o nome de *spoonerism*, em homenagem ao seu cultor.

Em francês, o mesmo fenômeno tem o nome de *contrepèterie*, como em “Trompez sonnettes” (Enganei campainhas) por “Sonnez, trompettes” (Tocai, trombetas).

Não é necessário, contudo, que o *spoonerism* ou a *contrepèterie* tenham significado: “Pauvrice n’est pas vite” é frase “spoonerist” ou “contrepèté”, sem sentido, de “Pauvreté n’est pas vice” (Pobreza não é vício). Uma das hipérteses francesas mais conhecidas é de autoria atribuída a Rabelais, o autor de *Gargantua*: “Femme folle à la messe” (Mulher maluca na missa) – “Femme molle à la fesse” (Mulher de bumbum mole). Essa frase foi divulgada equivocadamente como se fosse exemplo de antístrofe, e não de *contrepèterie*. A antístrofe consiste num trocadilho em que se altera a ordem de palavras repetidas para mudar o sentido, como em: “trabalhar para viver não é viver para trabalhar”, por exemplo.

Em português, à falta de um nome popular, esse fenômeno é cientificamente chamado de *hipértese intervocabular*. A hipótese é o nome que tem a comutação de sons à distância. A hipótese normalmente consiste na troca de sons no interior de um vocábulo, na mesma sílaba como o lat. *semper*, que deu *sempré*, em português, ou como *deperdar* por *depreadar*, ou como *pergunta* por *pergunta*, ou como *portagonista* por *protagonista*, por exemplo. Quando a troca de sons ocorre entre sílabas diferentes, a hipótese tem o nome de hipótese, como a pronúncia popular *tauba* por *tábuca*, ou como *areoportu* em vez de *aeroportu*. É a hipótese (que os estudiosos consideram sinônimo de hipótese) que explica prolações como *estrupe*, *largato*, *falcudade*, entre outras, corriqueiras na fala descontraída, por *estupro*, *lagarto* ou *faculdade*.

Esse fenômeno da hipótese intervocabular ficaria restrito à gramática ou a uma ou outra frase esporadicamente encontrada na fala de algum brincalhão, como em *transmimento de pensação* por *transmissão de pensamento*, não fosse o uso literário que dele fizeram autores como Millôr Fernandes e Paulo Leminski, por exemplo.

Do primeiro é a fábula “A Raposa e o Bode”, publicada na revista *O Cruzeiro*, em 1961, e no livro *Fábulas Fabulosas* (Rio de Janeiro: José Álvaro, 1964, p. 133-4, com o título “A Baposa e o Rode”, e, mais tarde, em *Trinta Anos de Mim Mesmo* (Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1972, p. 98), da qual reproduzimos as duas frases iniciais e a moral: “Por um asino do destar, uma rapiu caosa num pundo profoço do quir não consequal saiu. Um rode, passi por alando, algois tum detempo, vosa a rapendo, foi mordado pela curiosidido.” Moral: Jamie confais em qua estade em dificultém.”

De Paulo Leminski é o “Diversonagens suspensas” do livro *Melhores Poemas* (São Paulo: Global, 1996, p. 136), que alguns gramáticos citaram como exemplo de “palavra-valise”. A palavra-valise (ou palavra-portman-teau, palavra entrecruzada ou palavra-cabide) é a redução de uma sequência de palavras numa só ou a fusão de partes de palavras diferentes, como *bit* (oriunda da expressão inglesa *binary digit*), ou como, na brincadeira de crianças, *rinocerafa*, isto é, “filho de rinoceronte com girafa”, ou como uma palavra já existente, supostamente formada por outras, com dupla leitura, como *ex(orbita) nte*, que, em Cassiano Ricardo, no livro *Jeremias Sem-Chorar* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1964), significa “exorbitante” e “ex-orbitante” (que não está orbitando, que está fora de órbita), ou como *solpicado* (salpicado de sol). Além da hipótese intervocabular, Paulo Leminski utilizou também a metátese intravocabular, como no poema concreto do livro *Caprichos e Relaxos*, em que joga, em 19 linossignos (isto é, signos em linha, neologismo inventado por Cassiano Ricardo, como oposição à ideia de verso), com os sons do vocábulo *metamorfose*, a partir de “materesmofo”, passando por “mesamorfeto”, “termosefoma” e “motormefase”, entre outros falsos lexemas, até chegar a “metamorfose” (Ver esse poema republicado no livro *Melhores Poemas*, anteriormente citado, p. 100).

Esse jogo linguístico é encontrado também em espanhol, segundo nos informa Marta G. de Torres Agüero, na tradução de *La stylistique*, de Pierre Guiraud (Buenos Aires: Editorial Nova, 1956, p. 25): *Cabizbundo y meditabajo* (por “Cabizbajo y meditabundo”).

Outro fenômeno de troca de sons tem o nome de heterofemia ou heterofasia, que consiste no uso de uma palavra por outra parecida: “mexa a porca” por “fecha a porta”, ou “troca o tanque” por “tranque a toca”.

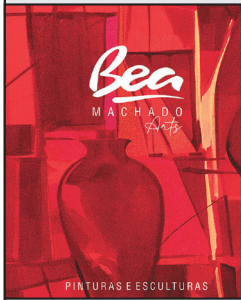
Ainda que seja sempre interessante o efeito desse processo lúdico de troca de sons, é mais inteligente e surpreendente o seu uso quando a versão hipertética mantém um sentido próprio, diferente do da frase original, como ocorria nas invenções do reverendo Spooner, merecidamente imortalizado em dicionários de língua inglesa.

* José Augusto Carvalho, mestre em linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP, é autor de vários livros sobre língua portuguesa, entre os quais a *Gramática Superior da Língua Portuguesa e Estudos sobre o Pronome*, ambos pela Thesaurus, de Brasília.

J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



BEA MACHADO ARTS

Ao longo das 200 páginas do livro *Bea Machado Arts – Pinturas e Esculturas* encontramos a múltipla obra da artista, em pintura e escultura, desde o início de sua trajetória nas artes, em 1983. Com textos da crítica e historiadora da arte Sônia Siqueira, além de apresentar as obras mais conhecidas, o livro também traz ainda pinturas inéditas, nunca mostradas ao público. Dividido em oito capítulos, o início traz uma biografia da artista, com trechos

escritos pela própria. Os demais capítulos, ou “atos”, como são chamados, trazem, em ordem cronológica, os diversos momentos da obra: *Abstratos, Gestos, Copas, Potes, Cores e Formas e Esculturas*, oferecendo um panorama de sua extensa produção. Bea Machado nasceu em Resende e mora no Rio de Janeiro. Fez sua primeira exposição individual em 1982 na Galeria Espaço 81, na Maison de France, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, participou da Bienal Internacional de Arte Contemporânea, na Flórida, onde recebeu medalha de ouro. Entre os prêmios recebidos estão: “Troféu Hípico”, Rio de Janeiro; “Troféu do Primeiro Campeonato Serra e Mar de Hipismo FIRJAN, no Banco do Brasil-Volta Redonda, Rio de Janeiro; Bolsa de Valores, Rio de Janeiro; MAM-Resende, Rio de Janeiro, e Anuarie de L’Art International.

DIÁRIO DOS MUNDOS

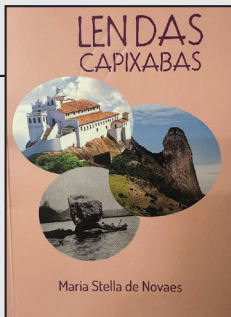
Diário dos Mundos (Editora Laranja Original, Coleção Prosa de Cor, 2022), de Letícia Soares e Eltânia André, foi inspirado na troca de mensagens entre as autoras através do WhatsApp, fluxo intenso que se iniciou quando se conheceram, no período em que Eltânia André trabalhou como psicóloga no Centro de Atenção Psicossocial de São Bernardo do Campo (CAPS) e Letícia foi diagnosticada com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Eis um livro sobre os dilemas e urgências de uma protagonista que protege o seu mundo, ao mesmo tempo em que avança na comunicação e sociabilidade. É urgente voltar a falar, é inevitável aventurar-se na linguagem. O oceano é imenso/intenso, mas o seu desejo/voz indestrutível. De acordo com o prefácio de Benita Prieto, especialista no desenvolvimento, estudo da oralidade e divulgação do trabalho dos contadores de histórias, o livro “é um mosaico que desconstrói preconceitos sobre o autismo, possibilitando ao leitor compreender as necessidades diversas. Embora a sociedade tenha avançado nos últimos anos, ainda estamos longe da inclusão justa e digna em todos os setores”. *Diário dos Mundos*, com 336 páginas, é uma viagem que demanda escuta e um vertiginoso encontro entremundos. Trata-se de um mosaico que desconstrói preconceitos sobre o autismo, possibilitando ao leitor compreender as necessidades diversas.

Diário dos mundos

Letícia Soares & Eltânia André

LENDAS CAPIXABAS

Recordar e, sobretudo, conservar as quarenta e sete principais lendas capixabas foi o objetivo da obra *Lendas Capixabas* (Coleção José Costa, 2023), de Maria Stella Novaes, organizado pela Academia Espírito-santense de Letras. Ao longo das 122 páginas, veremos ressurgirem capítulos dos tempos antigos do Espírito Santo, envoltos poeticamente na fantasia da imaginação popular. Saturadas de sentimento e beleza, encontram-se, por exemplo, as lendas da Pedra dos Ovos, de Frade e Freira, da Fonte da Capixaba, do Itabira etc. Outras se relacionam com diversas passagens históricas: Nossa Senhora da Prainha, A Sereia de Meaípe, O Tesouro de Caçaroça etc. Existem ainda lendas religiosas, como as de Nossa Senhora da Penha, da Pedra do Diabo, da Pedra do Oratório. Maria Stella de Novaes nasceu na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ, em 13 de agosto de 1894 e faleceu em 1981. Foi professora de desenho, caligrafia, ciências naturais e história natural. Representou o Espírito Santo em diversos congressos. Recebeu prêmios e condecorações, além de diversos diplomas acadêmicos. Foi membro de diversas instituições culturais, como o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e uma das fundadoras da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras. Publicou livros sobre botânica, pedagogia, história, folclore e literatura.



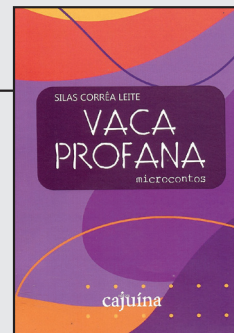
TIL – A COBRINHA ORTOGRÁFICA



O livro *Til, A Cobrinha Ortográfica* apresenta o engenheiro das canções Luizinho Lopes estreando na literatura. Há mais de 40 anos atuando no cenário musical, Lopes é um artista multifacetado. Além de poeta, compositor, cantor, violonista e produtor musical, nesta obra o artista revela a história da composição de sua canção *Til*, lançada em 1990 em seu primeiro disco, o LP *Nem Tudo Que Nasce É*. O sinal gráfico é o personagem principal de uma história de amor. A diagramação das páginas estimula o leitor a adentrar no universo da canção, não apenas pelas palavras, mas também através dos desenhos de Tadeu Costa e Clara Costa, ampliando a ludicidade da leitura. Suas páginas descortinam também o universo criativo do compositor mineiro, sua história, suas referências, paixões e parcerias. Além dos primeiros rabiscos de suas letras até o momento em que a composição ganha forma. O leitor vai apreciar também os textos do escritor Luiz Ruffato e da jornalista Roberta Gray. A publicação vem acompanhada de fotos de diversos momentos da carreira. A obra é interativa e vem com as partituras impressas do novo arranjo da canção *Til*. O toque final inclui um bate-papo do jornalista e crítico musical Fabian Chacur com Luizinho Lopes.

VACA PROFANA

Vaca Profana – microcontos (Ed. Cajuína, 2023), contém pequenos textos de Silas Corrêa Leite. Obra anunciada como microcontos, as páginas reúnem uma conjugação de forma e conteúdo em perfeita harmonia na soma dos sentidos e significados. Refinados, bem-humorados, na mesma medida de fluidos e bem escritos, com o domínio da escrita, o autor desenrola fluxos de consciência de seu próprio “quase prefácio: outras palavras”, com importantes alertas ao leitor, entre eles: “A palavra não pode ser escrava de si mesma.” Na orelha, Rodrigo da Costa Araújo, mestre em Ciências da Arte (UFF), ressalta a agudeza das reflexões, pautadas em microcontos: “Reaparecem, nesse contexto, novas subjetividades que resistem à exclusão, desafiando o já estabelecido da literatura canônica e nacional.” Educador, jornalista comunitário, conselheiro em Direitos Humanos, contista e blogueiro premiado, Silas Corrêa Leite começou a escrever aos 16 anos no jornal *O Guarani* de Itararé-SP. Formado em Direito e Geografia, é especialista em Educação (Mackenzie), com extensão universitária em Literatura na Comunicação (ECA). Autor, entre outros, de *Porta-Lapsos*, Editora All-Print (SP) e *Campo de Trigo com Corvos*, Editora Design (SC), obra finalista do prêmio Telecom, Portugal 2007, *A Coisa: Muito além do coração selvagem da vida* (Cajuína, 2021) e *Favela Stories* (Cajuína 2022).



A ROSA DE PÉROLA

A Rosa de Pérola – Sonetos Preciosos (Fortaleza, 2023), de Luciano Dídimo, reúne uma variedade de sonetos, em suas infundáveis possibilidades de ritmos e temas. Distribuídos em 12 capítulos com nomes de *Jardins* (Jardim da Esperança, do Poeta, de Maria, do Amor, da Vida, do Sítio, da Semana, da Dor, da Justiça, da Minha Terra, do Soneto e da Saudade), ilustrados com obras de arte, os sonetos exalam o perfume entretecido ente a lucidez e o delírio, na acareação entre o sonho e a tangibilidade, carregando cada verso com a delicadeza com a qual um jardineiro cuida de suas flores. Lírico por excelência, Luciano Dídimo sabe acompanhar o tempo, ligando com o fio mágico da sua poesia o passado, o presente e o futuro. Nascido em Fortaleza, no Ceará, em 22 de fevereiro de 1971, o poeta e escritor Luciano Dídimo é graduado em Administração de Empresas pela Universidade Estadual do Ceará; em Direito pela UNIFOR – Universidade de Fortaleza e Pós-graduado em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho pela UNIDERP. Membro fundador e vice-presidente da Academia Brasileira de Sonetistas (ABRASSO), pertence, entre outras, à Academia de Letras dos Municípios Cearenses (ALMECE) e Associação Nacional de Escritores (ANE).



**GILBERTO SCHWARTSMANN****Obras raras**

Arnaldo Niskier: Hoje, com um prazer imenso, recebo a visita do médico, professor, acadêmico da Academia Nacional de Medicina, Dr. Gilberto Schwartzmann. Ele vai fazer uma exposição épica na Academia Brasileira de Letras e vai nos contar as novidades sobre essa exposição. Por que essa ideia, Gilberto, de trazer para a ABL a sua exposição?

Gilberto Schwartzmann: Em primeiro lugar, quero agradecer essa oportunidade. É uma honra muito grande poder trazer um pouco do meu acervo de primeiras edições de obras raras, porque, como tu bem sabes, é uma paixão muito solitária. O amor ao livro é algo muito solitário, então essas oportunidades de poder expor as próprias entranhas literárias é muito bonito. Como oportunidade, eu fico muito honrado. Isso começou com uma iniciativa da Academia Nacional de Medicina, a partir de uma exposição que eu fiz em Porto Alegre, na Biblioteca Pública do Estado. Fiz a curadoria sobre os 100 anos do falecimento de Marcel Proust. Então, os meus pares da Academia de Medicina, cuja sede é belíssima aqui na General Justo, aqui no Rio de Janeiro, me pediram que eu fizesse uma pequena amostragem do meu acervo de primeiras edições de obras raras e que levou a uma exposição recente que eu chamei de Babel Infinita. Porque a Babel infinita? Como Jorge Luis Borges, que é um autor que eu adoro...

Arnaldo Niskier: Você cita esse autor sempre...

Gilberto Schwartzmann: Tenho praticamente tudo em primeira edição do Borges, até contos antes de serem publicados em livros, quando um jovem escritor resolve mandar para uma revista uma primeira incursão literária. Então, tenho vários contos memoráveis do Borges antes de virarem livro. E eu achei que, como Borges fez muita crítica literária, sobretudo quando era mais jovem... Borges vai de Buenos Aires, menino ainda, para Genebra, porque o pai tinha a mesma doença que levou a cegueira do Borges. O pai e o avô também o tiveram.

Arnaldo Niskier: Como é o nome dessa doença?

Gilberto Schwartzmann: É uma doença degenerativa da retina. E ele, aos 55 anos, perde totalmente a visão. O pai foi a mesma coisa e o avô igualmente. Eles vão para a Suíça e depois de lá vem a Primeira Guerra, acabam ficando mais tempo na Europa, vão para Madrid e o Borges, nesse período, faz muita crítica literária e de muita qualidade. O Borges era um homem que adorava o plágio, mas o plágio entre aspas, o uso do que veio antes como matriz para sua própria literatura. Então, fiz a exposição de uma maneira em que essa Babel infinita, eu botei Babel infinita entre parênteses. Por quê? Porque ele tem um conto, a Biblioteca de Babel, em que ele fala de uma biblioteca que é toda em hexágonos,

infinitos hexágonos, como ele diz, em que ali o dia que o homem desaparecesse e ele diz que desaparecerá pelo que tem feito. A gente até acha que isso é certo, pelas últimas notícias políticas, de guerras etc. O homem não aprende com a história. Então ele diz que quando o homem desaparecesse, a Biblioteca de Babel seria o retrato de nossa passagem pela Terra.

Arnaldo Niskier: É o que restaria

Gilberto Schwartzmann: Eu usei esse mote, vamos dizer, para fazer um retrato através do olhar do Borges sobre o cânone literário ocidental. Então, a exposição que foi feita na Academia Nacional de Medicina agora vem como uma nova Babel infinita a convite da ABL

Arnaldo Niskier: Não é a mesma exposição, você acrescentou...

Gilberto Schwartzmann: Não. É um desdobramento, porque a geografia da Academia Brasileira de Letras – que é uma oportunidade maravilhosa para mim, eu me sinto honradíssimo – tem nuances que nos permitem fazer um recorte do mesmo material, mas com uma distribuição espacial e uma estética muito diferente. Quem assiste às duas, vai ficar com uma surpresa muito positiva na minha opinião. Então, Borges falando sobre o acervo a partir de uma Babel, que é uma relação com o conto memorável dele, La Biblioteca de Babel. Então, essa é a ideia e quem faz a curadoria é Facundo Sarmiento, que é um personagem que conhece muito Borges, e que vai contando através de vários painéis, ao longo da exposição, a relação da visão borgiana com as obras desse acervo. Esse acervo, na realidade, traz praticamente representações importantes de cada momento da literatura, a começar com os grandes clássicos, com Shakespeare. A dramaturgia de Shakespeare é o retrato do ser humano. É a primeira vez, depois da Bíblia, em que se tem um retrato antropológico do ser humano como ele é, com as suas nuances, não é?

Arnaldo Niskier: Gilberto, tem alguma obra particularmente do Shakespeare que tem encantado você? Como isso aconteceu?

Gilberto Schwartzmann: Claro que aqui eu trouxe alguns exemplos, mas eu tenho edições belíssimas no meu acervo. A dramaturgia do Shakespeare nos fala tudo sobre o ser humano. Nós conhecemos no dia a dia o Iago, o Hamlet, a Lady Macbeth que andam por aí, que fazem aquelas coisas que tornam as obras clássicas. Por que é que Shakespeare é tão atual? Porque ele fala das coisas que nós todos conhecemos, os nossos sentimentos, os clássicos são isso.

Arnaldo Niskier: E a ideia que alguns proclamaram, a meu ver ridiculamente, de que não era ele quem escrevia tudo o que saiu em nome dele. Isso tem procedência?

Gilberto Schwartzmann: Existiu um

Shakespeare, tem documentação muito robusta e sólida sobre uma pessoa Shakespeare, um homem nascido em Stratford-upon-Avon, que volta para lá na velhice. Sobre a vida familiar, se sabe muito, se sabe o nome da esposa, então existiu. E se foram vários autores que acabaram formando esse Shakespeare, que bom, porque a literatura... Isso é muito borgiano o que eu vou dizer e Eliot disse antes do Borges que, quando a gente escreve, quando um autor escreve, ele é ele e todos que vieram antes, todos os mortos da literatura de antes. Então, ninguém escreve, ninguém compõe uma canção a partir do nada, é o palimpsesto. Nós somos uma escrita sobre escritas anteriores. Então, o Shakespeare, mesmo sendo uma pessoa ou representando ele e outros autores, o que importa é o que fica, é o legado. Então, acho que a figura central dessa exposição é um painel em que coloco Shakespeare, coloco Dante com a Comédia, que é uma obra maravilhosa. O Dante é o primeiro a escrever poesia na linguagem do povo. Ele falava que queria escrever na linguagem que as mulheres falam nas ruas. Até Dante, não havia o italiano, ele une a língua italiana, o idioma. Então, Dante é fundamental. O Quixote de Cervantes, Cervantes é talvez um dos mais traduzidos. É extraordinário.

Arnaldo Niskier: Você tem uma vida cultural muito intensa. Hoje dirige a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, com pleno apoio do governador do Estado. Queria saber um pouco sobre a sua vida fora a vida que você tem como um grande colecionador e médico ilustre.

Gilberto Schwartzmann: Tenho a honra de ter uma passagem muito interessante pela cultura, no Rio Grande do Sul. Isso é um privilégio. Eu me considero, nesse sentido, muito privilegiado. Eu comecei presidindo a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, que é um grande evento na área das artes visuais. Presidi duas Bienais.

Arnaldo Niskier: Em Porto Alegre.

Gilberto Schwartzmann: Isso é do Mercosul, mas é em Porto Alegre. Era um grande projeto, liderei duas Bienais, uma sobre o papel da arte africana e afro-brasileira nas nossas artes e as tentativas de invisibilizar o negro na cultura brasileira. Uma Bienal muito corajosa, muito interessante. A outra sobre o feminino, sobre a mulher e o feminino, também é um meio...

Arnaldo Niskier: Isso é bem oportuno.

Gilberto Schwartzmann: No nosso país, infelizmente, homens e brancos têm um tipo de privilégio no dia a dia que mulheres e negros não têm. Então, é algo a ser corrigido, essas nossas dificuldades que têm relação com a nossa história de período escravagista. Quando você entra no museu hoje, em qualquer lugar do mundo, no Louvre, nós vamos olhar muito mais nos femininos do que artistas mulheres. Isso é um paradoxo. As mulheres são subrepresentadas e o corpo da mulher ainda é utilizado como matriz. Então, há muita coisa a ser feita em qualquer cultura, fortalecendo e dando o papel à mulher que ela merece na sociedade. Então, essas duas Bienais foram muito importantes para mim como experiência. Depois migrei para o Teatro São Pedro, que é o nosso grande teatro em Porto Alegre. Eu presidi o teatro durante vários anos, fizemos um projeto maravilhoso que eu tenho impressão de que vocês conheceram, que é o Multipalco, que são 25.000 metros quadrados de área de cultura.

Arnaldo Niskier: Você me levou lá para assistir.

Gilberto Schwartzmann: Áreas de teatros, música, dança. Isso foi muito importante para

mim. De lá, eu passei para a Biblioteca Pública do Estado, que para mim foi um sonho, porque eu sou um homem que ama o livro, coleciono obras raras desde adolescente. Agora o governador me deu essa notícia maravilhosa, de que entregaria a orquestra sinfônica nas minhas mãos.

Arnaldo Niskier: Na sua competência. Você toca algum instrumento?

Gilberto Schwartzmann: Eu sou um pianista razoável. Não um bom, mas razoável.

Arnaldo Niskier: Você sabe que o seu primo Salomão Schwartzmann, que foi diretor da Manchete em São Paulo durante muitos anos, era um belo pianista, o irmão também.

Gilberto Schwartzmann: Isso aí deve ser então a genética da família.

Arnaldo Niskier: Então, você está hoje cuidando da Orquestra Sinfônica.

Gilberto Schwartzmann: Eu presido a Orquestra Sinfônica, que é um projeto maravilhoso, porque não é apenas uma orquestra profissional, 120 músicos, faz concertos todos os fins de semana, todos os sábados, com a maioria das vezes regentes convidados de fora do Brasil, solistas do Brasil e de outros países. É um projeto de todos os sábados às 17h, é um concerto, uma sala com 1100 lugares. Temos também uma orquestra jovem, uma escola da OSPA, que é para iniciação e inclusão social, com crianças de oito anos em diante para aprender música e usar a música como forma de cidadania.

Arnaldo Niskier: Então, você faz isso em cooperação com as secretarias de Educação e Cultura.

Gilberto Schwartzmann: Isso. Em março, começamos um projeto, mapeamos oito áreas de alta vulnerabilidade, no Rio Grande do Sul, para crime, droga. Temos um projeto com 250 adolescentes de cada uma dessas oito cidades, que representam regiões através da música, com os nossos músicos ensinando. Isso é muito interessante. Temos um coro sinfônico com cerca de 90 representantes, que é uma maravilha. Então, o projeto da Fundação OSPA, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, mas que é do Estado, tem esse nome por uma questão histórica, começou em Porto Alegre. É algo que me honra muito e eu me sinto muito feliz.

Arnaldo Niskier: E como é que o governador participa disso?

Gilberto Schwartzmann: O governo do Estado tem feito tanto por esse Rio Grande, sabe? Até vou me arriscar e dizer isso de uma forma mais poética e mais literária. Acho que o nosso governador, Eduardo Leite, é o governador da cultura. Eu o definiria como o governador da Cultura, porque ele nos deu, não só para a Biblioteca Pública, para o teatro, para a Bienal, para a orquestra, recursos e canalizou recursos numa capilaridade impressionante em todo o Estado. Cidades pequenas foram contempladas, restaurou teatros fora de Porto Alegre. Tenho uma trajetória ao longo de muito tempo nessa área. Ele é um homem que não precisa explicar a importância da cultura. Podemos começar o segundo capítulo da conversa. Aquele primeiro, que às vezes tem que se fazer com políticos, de explicar a importância das ações culturais na sociedade, com o governador Leite não precisa.

Arnaldo Niskier: Porque ele já tem uma iniciação grande na matéria.

Gilberto Schwartzmann: É um homem que vem de uma família de gente com interesses na cultura e ele é um jovem político maravilhoso, que tem uma coisa muito bonita, que acho que é

uma coisa até, do ponto de vista filosófico, muito interessante, ele admite mais de uma verdade. Ele é capaz de conversar com alguém diametralmente oposto, politicamente, respeitosamente.

Arnaldo Niskier: Sabe ouvir.

Gilberto Schwartzmann: Pode haver mais de uma verdade. As pessoas, às vezes, não se dão conta que pode haver mais de uma verdade, e ele tem essa característica. É um político no melhor sentido da palavra, por essa capacidade de ouvir e de poder fazer política.

Arnaldo Niskier: E ele tem uma imagem nacional muito bonita e eu acho naturalmente saudável. Gilberto Schwartzmann é também um professor de oncologia. Ele se formou aqui, mas teve uma pós-graduação lá fora e é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de oncologia. Dr. Gilberto, conte um pouco sobre sua experiência no magistério. Acho que o nosso público vai ter interesse em saber como é a sua vivência nessa área tão sensível que é a da oncologia.

Gilberto Schwartzmann: Eu me orgulho muito da minha posição como professor de oncologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Hospital das Clínicas, em Porto Alegre. Acho que talvez o grande ensinamento de um professor de medicina, em qualquer área, pode dar aos seus alunos, que é um ensinamento que vale para toda vida, é desenvolver essa capacidade de se colocar no lugar do outro, a empatia. Acho que isso é essencial para qualquer atividade humana e o médico, por excelência, deve sempre exercer essa capacidade de, ao decidir o destino de outras pessoas, do ponto de vista médico, sempre usar da sua empatia, se colocar no lugar do outro para ver se realmente tudo o que está sendo dito seria dito para alguém que ele ama, para ele próprio, para a esposa, para o filho. Isso é maravilhoso de ser dito para jovem. Sempre ensino isso como a coisa mais importante

Arnaldo Niskier: É a dúvida de um leigo. Hoje, a cura do câncer está bem avançada, não é? Antigamente não tinha chances.

Gilberto Schwartzmann: Eu vivi, em tempo real, os progressos mais maravilhosos da oncologia. Passamos de doenças incuráveis e fatais para altamente curáveis. Hoje, mesmo aqueles tumores mais difíceis, temos condições de tratá-los como doenças crônicas, como quem tem pressão alta, como quem tem diabete.

Arnaldo Niskier: Com radioterapia.

Gilberto Schwartzmann: E a gente acompanha e vai tratando. Além dos tratamentos terem evoluído maravilhosamente, em termos de curabilidade, de ganho de tempo de vida e de qualidade, os medicamentos são muito mais fáceis hoje. Peguei um período em que os remédios para dor eram injetáveis.

Arnaldo Niskier: Contra dor, tinha que sofrer dor.

Gilberto Schwartzmann: Exatamente. Então, hoje, todo cuidado do paciente é muito mais humanizado. E outro aspecto, terminou o tabu do monstro câncer. Tinha gente que falava “aquela doença”, nem pronunciava a palavra até no começo da minha carreira. Hoje é uma coisa que as pessoas conversam, enfrentam de frente. O preço de não enfrentar a verdade é a solidão, as pessoas não poderem conversar com a família, com os amigos com quem eles amam, sobre os seus problemas. E graças a Deus, Arnaldo, que hoje o enfrentamento dessa doença, que nós chamamos câncer, é, na realidade, um nome para múltiplas doenças diferentes que tem esse mesmo nome. Isso hoje é feito de uma maneira muito mais humanizada.

Arnaldo Niskier: E o Brasil, do ponto de vista científico, está avançado na matéria?

Gilberto Schwartzmann: Vou dizer de outra forma, eu formaria várias seleções brasileiras de especialistas em oncologia que hoje lideram serviços no mundo inteiro. Tenho ex-alunos, sou apenas um grãozinho de areia nesse universo. Tenho vários alunos hoje liderando serviços nos Estados Unidos, no Canadá, na Inglaterra, na França, no Japão. Ou seja, o brasileiro tem uma potencialidade... Não é bem essa pergunta, mas eu me lembrei do Darcy Ribeiro agora, acho que somos uma experiência de mestiçagem maravilhosa. Podemos ser um exemplo para o mundo, o dia em que o Brasil realmente se encontrar como nação, porque aqui temos a multiplicidade genética mais rica do planeta. E eu vejo os meus alunos, esses são pessoas que em qualquer lugar nos orgulham. Então, a medicina brasileira tem alto nível, não só na minha especialidade. Olha a cardiologia brasileira, olha a cirurgia plástica brasileira.

Arnaldo Niskier: Ivo Pitanguy de saudosa memória.

Gilberto Schwartzmann: Temos grandes exemplos de nomes assim que impactaram a história da medicina. Então, acho que o Brasil tem grandes contrastes. Temos que lembrar que, de cada quatro brasileiros, só um tem convênio. Então, três de cada quatro, só tem o SUS. Então, temos que ensinar para os alunos, na faculdade, que o paciente do SUS temos que tratar com todo respeito e carinho, porque nós somos os médicos particulares deles.

Arnaldo Niskier: Mas o SUS é um sucesso.

Gilberto Schwartzmann: O SUS é maravilhoso, o SUS é universal. As pessoas que viajam, caíam na rua, espero que não aconteça, nos Estados Unidos, não é assim que as pessoas são atendidas. No Brasil, qualquer pessoa brasileira ou não, que esteja por aqui, que precise de atendimento médico, pode contar com o sistema universal. O SUS é uma maravilha, é uma grande construção coletiva, só que precisa de mais gerenciamento, mais recursos e ter uma estrutura, mas é um modelo maravilhoso. Olhe o que aconteceu durante a pandemia, se não fosse o SUS. Os países desenvolvidos sofreram porque não tinha uma estrutura que valesse para todos.

Arnaldo Niskier: Como a nossa.

Gilberto Schwartzmann: Então, eu sou fã do SUS e sou orgulhoso de estar num país em que tem um sistema de saúde que é para todos. O Brasil precisa disso.

Arnaldo Niskier: Por que o público deve ir à Academia Brasileira de Letras assistir a sua exposição da Nova Babel?

Gilberto Schwartzmann: Porque o livro, na minha opinião, é como se a gente fizesse turismo sem sair de casa. Uma pessoa, numa biblioteca, pode abrir um livro e viajar, viver a vida de outra pessoa através de uma obra, visitar o país que ela jamais conheceria. A literatura, para mim, é linda porque nos faz viver todas as vidas que a gente pudesse sonhar.

Arnaldo Niskier: E você, indo à exposição na Academia Brasileira de Letras, no Centro da Cidade, vai ganhar muito em cultura e participação. Acho que é o recado final que devemos deixar com os nossos telespectadores, agradecendo a participação de vocês todos e particularmente do nosso querido amigo, Dr. Gilberto Schwartzmann.

O dom marcante de Léo Batista

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Decorridos 19 dias do primeiro mês deste ano, o Brasil recebeu com tristeza a notícia da morte de um dos pioneiros e maiores nomes da história da comunicação do país. O locutor esportista Léo Batista morreu aos 92 anos, deixando um legado de competência, profissionalismo, carisma e simpatia entre os fãs. O ícone do jornalismo esportivo fora internado no Hospital Rio D'Or, no Rio de Janeiro, no dia 6 de janeiro. Lutando contra um tumor no pâncreas, resistiu por 13 dias.

Nascido em 1932, em Cordeirópolis (SP), Léo Batista participou de momentos inesquecíveis da sociedade brasileira ao longo de quase 80 anos de carreira. Foi o primeiro jornalista, por exemplo, a informar o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, na Rádio Globo. Quarenta anos depois, na TV Globo, anunciou a morte de Ayrton Senna horas após o acidente em Ímola, na Itália.

Batizado com o nome de João Baptista Bellinaso Neto pelos pais, que eram imigrantes italianos, ainda menino começou a carreira de forma improvisada. Em um canto da casa, passou a usar uma latinha de tomate como microfone, imitando transmissões esportivas. Não demorou para que sua voz e talento chamassem atenção. Aos 15 anos, por indicação de um primo, inscreveu-se – e foi aprovado – para trabalhar no serviço de alto-falante da cidade. Pouco depois, mudou-se para Birigui e conseguiu vaga na Rádio Clube da cidade paulista. Começou a transmitir jogos de futebol e chegou a assumir função de gerência.

Trabalhou também em Piracicaba antes de chegar ao Rio de Janeiro, em 1952, para ingressar na Rádio Globo. Em terras cariocas, logo passou por uma mudança importante. O jornalista Luiz Mendes achava complicado o nome Bellinaso Neto, usado profissionalmente pelo recém-chegado. Sugeriu uma mudança, ideia acatada de imediato. Surgiu, a partir daquele momento, o aclamado Léo Batista.

Em 1955, apareceu a primeira oportunidade na televisão. Mesmo assustado pela falta de intimidade com o veículo, não se intimidou e passou a trabalhar na TV Rio. Participou da *TV Rio Ring*, fazendo sucesso com transmissões de lutas de Box.

Entre as vivências históricas de sua carreira, esteve presente

na primeira transmissão interestadual da televisão brasileira. A partida foi um Brasil e Itália, em 1956, no Maracanã.

Enquanto ganhava intimidade com a televisão, atuava também em outras áreas. Nas lutas de boxe, era o responsável por chamar os lutadores ao ringue e por anunciar o resultado, ao fim do combate.

Na TV, a carreira não parou de crescer. Passou também pela TV Excelsior antes de chegar à Globo, em 1970. Na empresa, Léo Batista foi um precursor de quase todos os programas esportivos. Participou do surgimento do *Esporte Espetacular*, em 1973, e apresentou o *Copa Brasil*, que deu origem ao *Globo Esporte*, em 1978.

Léo atuou também na grade da programação fora do esporte, apresentando, por exemplo, o *Jornal Nacional*, o *Jornal Hoje* e vários desfiles do Carnaval carioca.

Foi no *Fantástico*, no entanto, que ele deixou sua marca de maneira mais impactante. Primeiro, ao anunciar os resultados da loteria esportiva ao lado de uma zebra. Depois, com o surgimento do quadro *Gols do Fantástico*, desenvolveu um talento que carregou por décadas: a descrição de gols na televisão. Em diversos programas da Globo, a voz marcante do profissional acompanhou a exibição de gols marcados ao longo de muitos anos. Cenas inesquecíveis do esporte brasileiro também foram narradas pelo jornalista no *Baú do Esporte*.

Em mais de 50 anos de trajetória na TV Globo, o declarado botafoguense se tornou sinônimo de esporte. Cobriu Copas do Mundo, Olimpíadas, corridas de Fórmula 1 e apresentou os principais programas do canal. Não foram poucas as homenagens recebidas em vida. No Estádio Nilton Santos, a cabine de imprensa foi batizada com seu nome.

Em 2024, foi homenageado pela TV Globo e se tornou uma série documental – “Léo Batista, a Voz Marcante” (*leia abaixo).

Na nota de falecimento do ícone do jornalismo esportivo, lia-se a informação: “Léo Batista trabalhou com o que gostava até praticamente os últimos dias de sua vida.” Apesar da idade, manteve-se disposto e fez questão de continuar em atividade. Só queria parar de trabalhar quando não tivesse mais condições. Assim, participou do *Globo Esporte* até pouco antes de morrer, no dia 26 de dezembro, sua última gravação.

Ao descrever sua profissão, Léo Batista ensinou a receita necessária para alcançar o sucesso: *Gosto, dom e treino*. Características que ele reuniu de sobra.

UMA SÉRIE DOCUMENTAL IMPERDÍVEL

A carreira de Léo Batista se confunde com a história do jornalismo esportivo brasileiro. Para contar a trajetória do mais antigo apresentador em atividade da televisão brasileira, cuja voz está gravada na memória afetiva de milhões de pessoas, o Sportv produziu, em parceria com a produtora Imaginar, a série *Leo Batista, A Voz Marcante* (disponível no Globoplay).

Dividida em quatro episódios, dirigida pela jornalista Kizzy



Magalhães, a série ouve amigos, companheiros de profissão e revela uma parte de sua vida pessoal que pouca gente conhece: as versões cantor, artista plástico, comediante e escritor.

“Foi um privilégio contar a história de Léo Batista e fazer esta homenagem a ele. Muito além da voz, a trajetória dele é marcante. E a gente quis mostrar como ele se reinventou ao longo de tantas décadas”, declarou a diretora sobre o passeio pelos 76 anos de uma carreira cheia de histórias surpreendentes e relatos emocionantes, especialmente dos colegas de profissão que falam dele com muito carinho e respeito: “‘Seu Léo’ nos brindou com uma memória prodigiosa e nos conduziu a uma verdadeira viagem no tempo”.

O episódio de estreia mostra como o ícone do jornalismo esportivo viu o que era vanguarda virar coisa do passado. Na rádio, viveu intensamente a “Era do Ouro”, passando pelas principais emissoras do Brasil. E quando poucos acreditavam no sucesso da televisão, ele apostou neste novo meio de comunicação e virou figura onipresente nas telinhas do Brasil. Já na TV Globo, testemunha a chegada da TV a cores e, aos 80 anos, aparece em um programa na internet, encarnando um verdadeiro *youtuber*.

O segundo capítulo trata da sua trajetória na TV Globo e como sua voz ilustrou alguns dos grandes momentos do esporte brasileiro. O penúltimo episódio relembra momentos que mudaram a história do Brasil e do mundo, e que foram noticiados por ele, como a morte do presidente Getúlio Vargas e os acidentes fatais de Ayrton Senna e da Princesa Diana. No último episódio, a série traz revelações surpreendentes e mostra outras facetas. Familiares relembram passagens importantes da vida do jovem Léo em Cordeirópolis, momentos da infância e o episódio do falecimento de Dona Leila, sua companheira de toda a vida.

A série conta ainda com as participações de grandes nomes do jornalismo brasileiro, como Pedro Bial, Tadeu Schmidt, Galvão



Bueno, Boni, Leilane Neubarth e Luis Roberto – responsável pelo apelido carinhoso de “a voz marcante da TV brasileira”, que falam com muito carinho e respeito do colega de profissão e relembram histórias divertidas, como o dia em que Léo Batista dormiu ao vivo, em plena transmissão dos Jogos Olímpicos de Seul.



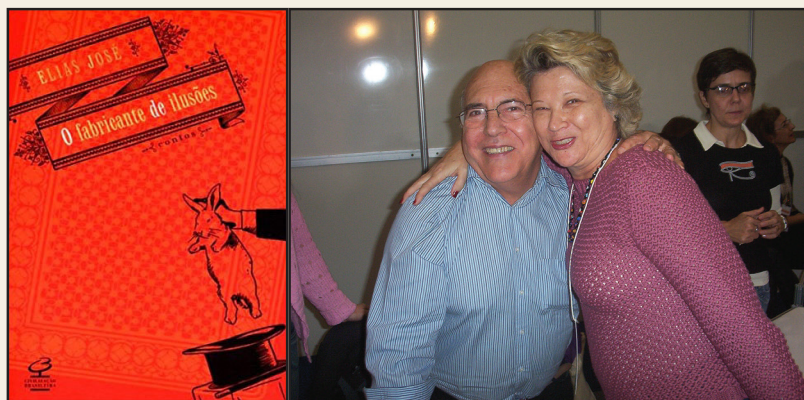
Sinto saudades...

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Há alguns anos atrás, o professor Arnaldo Niskier escreveu um pequeno livro com o título *Sinto Saudades*, ilustrado por Joselito. Na singela obra, ele relata as faltas que seu coração sente de amigos da infância, dos domingos na pracinha. Bola de gude, chapinhas, figurinhas... As brincadeiras infantis são lembradas com carinho. Na última página, a lembrança mais forte: “Como sinto a falta que mamãe me faz.”

Peguei emprestadas todas essas lembranças para homenagear aqueles que sempre me comoveram e de quem sinto muitas saudades. Não vou lembrar todos, mas alguns que tiveram uma participação especial e significativa na minha vida e me tornaram uma pessoa melhor. Aqui estamos, juntos em todas as fotos, cúmplices no afeto!

Elias José, com quem compartilhei o frio da noite de Passo Fundo, fugindo de um roqueiro barulhento. Com a ajuda da sua amada Silvinha, conseguimos editar *O Fabricante de Ilusões*, inscrito pela Civilização Brasileira no PNLD de 2011.

Com Elias José e a capa de seu livro, *O Fabricante de Ilusões*.

Bartolomeu Campos de Queirós, amigo querido, sempre com alguma conversa afetuosa para demonstrar o seu carinho. Ganhei de presente do Bartô o texto de *O Fio da Palavra*, ilustrado pelo Salmo Dansa, atualmente editado pela Global, uma de suas últimas obras. A saudade é imensa.

Com Bartolomeu Campos de Queirós e a capa de seu livro, *O Fio da Palavra*.

Cada encontro com Nélida Piñon era uma alegria. Sempre me descobria ao fundo de algum auditório enlevada com suas palavras. Trouxemos para a Galera – Record, o livro *A Roda do Vento*, com ilustrações de Maurício Veneza, aprovado no PNLD de 2012.

Celso Sisto me entregou um texto, que conseguimos transformar em uma obra de grande sucesso, adquirido em programas de governo. *Kalinda, a Princesa que Perdeu os Cabelos e Outras Histórias Africanas*, com ilustrações do próprio autor e editado pela Escarlate (Cia das Letras). Sua alegria era contagiante!

Com Celso Sisto e a capa de seu livro, *Kalinda, a Princesa que Perdeu os Cabelos*...

A relação com alguns autores se transformou de profissional em amizade e era sempre muito bom encontrá-los, compartilhar ideias, curtir notícias e novidades.

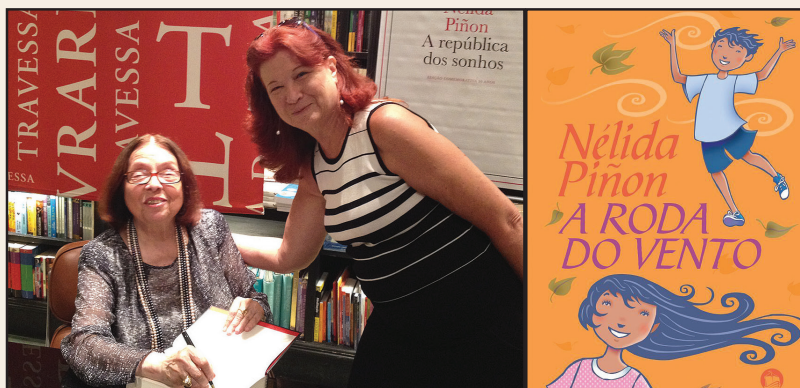
Muitas dedicatórias e testemunhos demonstram essa cumplicidade amorosa. Alcione Araújo escreveu: *Anna, a Amiga dos Autores*. Este título tem um valor inestimável.

Uso toda a saudade aqui revelada para justificar uma recente, que está ardendo em meu peito: Marina Colasanti! Penso que ela foi preparar o caminho para esperar Affonso, enfermo há tanto tempo, e se encontrar com a filha Fabiana. A tristeza com a doença do amor de sempre deve ter minado as suas forças. Muito já foi dito sobre ela, sua biografia foi contada em vários momentos, mas a palavra mais próxima de Marina, para mim, é *suavidade*! A vida doméstica revestiu-se de coisas simples que ela conseguia sempre transformar em algo especial. As roupas que costurava com prazer, as comidas deliciosas, as plantinhas que cuidava, os pássaros que chegavam à sua varanda, as histórias do sítio. Essa era a Marina dos amigos, dos afetos.

Marina também me entregou um texto, que ela chamava de “nosso livro”: *Tudo Tem Princípio e Fim*, ilustrado por ela e editado pela Escarlate (Cia das Letras).

Que a força de suas histórias, a trajetória incrível de sua vida nos acompanhe, em nossa caminhada, repleta de saudades, mas a memória também repleta de afetos e de amor.

Nosso último encontro aconteceu quando foi premiada pela Academia Brasileira de Letras e atravessou o salão para me dar um abraço.

Com Marina Colasanti e a capa de seu livro, *Tudo Tem Princípio e Fim*.Com Nélida Piñon e a capa de seu livro, *A Roda do Vento*.

BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

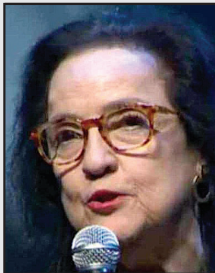
acervo JL



MARINA COLASANTI

(Asmara, 26 de setembro de 1937 – Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 2025) foi uma escritora, contista, jornalista, tradutora e artista plástica ítalo-brasileira nascida na então colônia italiana da Eritreia. Publicou mais de setenta obras para crianças e adultos. Passou parte da infância na Líbia e também na Itália. Colasanti e sua família emigram para o Brasil em 1948, fixando residência no Rio de Janeiro. Nascida numa família de artistas, neta de um professor de uma escola de artes, crítico de arte e escritor. Durante os anos de 1952 e 1956, estudou pintura e, em 1956, entra para a Escola Nacional de Belas Artes. Em 1962, começou a trabalhar como jornalista no *Jornal do Brasil*. Lançou sua primeira obra, *Eu Sozinha*, em 1968. Traduziu importantes textos da literatura italiana. Publicou mais de setenta livros, entre contos, poesia, prosa, literatura infantil e infantojuvenil. Recebeu dezenas de prêmios literários. Seu livro *Uma Ideia Toda Azul* recebeu o prêmio O Melhor para o Jovem, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2010, recebeu o Prêmio Jabuti pelo livro *Passageira em Trânsito*. Em 2017, ela recebeu o 13º Prêmio Ibero-americano SM de Literatura Infantil. Foi casada com o também escritor Affonso Romano de Sant'Anna. Em 2023, se tornou a primeira mulher vencedora do Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto das obras, prêmio entregue pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Ela morreu aos 87 anos, em sua casa, no Rio de Janeiro.

acervo JL



ROSA FREIRE D'AGUIAR

(Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1948) Rosa Maria Freire d'Aguiar Furtado é uma jornalista, editora e tradutora brasileira. Em 1971, formou-se em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Entre 1971 e 1973, foi repórter e redatora das revistas *Manchete*, *Fatos & Fotos* e da *Enciclopédia Bloch* da Bloch Editores, no Rio de Janeiro. Em 1973, mudou-se para Paris, onde trabalhou por três anos como correspondente internacional na sucursal francesa do grupo de Adolpho Bloch. Entre 1977 e 1985, em Paris, foi correspondente da revista *Isto É* e também do *Jornal da República* e colaboradora da revista *ArteHoje*. Realizou um grande número de reportagens especiais na Europa, no Oriente Médio e na China. Cobriu a redemocratização da Espanha, desde a morte de Francisco Franco, de 1975 até 1985; o exílio do Ayatolá Khomeiny e a Revolução Iraniana, 1979-1980; o processo da Camarilha dos Quatro, em Pequim, em 1980; a devolução do Deserto do Sinai ao Egito, em 1982; a Guerra do Líbano, em 1982; o movimento pacifista na Alemanha, em 1983. Em 1979, casou-se com o economista Celso Furtado, no exílio desde 1964. O casal voltou ao Brasil e se instalou em Brasília, onde o marido assumiu o Ministério da Cultura. Rosa deixou o jornalismo e passou a dedicar-se ao mercado editorial. A partir de 1991 até os dias atuais, traduziu e organizou mais de uma centena de livros, sobretudo para a Companhia das Letras e Editora Todavia.

acervo JL



NUNO MANUEL GONÇALVES JÚDICE GLÓRIA

(Portimão, Mexilhoeira Grande, 29 de abril de 1949 – Lisboa, 17 de março de 2024) foi um ensaísta, poeta, ficcionista e professor universitário português. Licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e obteve o grau de doutor pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Professor do ensino secundário, de 1992 até 1997, foi professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas até à sua aposentadoria, em 2015. Foi diretor da revista literária *Tabacaria* (1996-2009), editada pela Casa Fernando Pessoa e Comissário para a área da Literatura da representação portuguesa à 49ª Feira do Livro de Frankfurt. Foi também Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal (1997-2004) e diretor do Instituto Camões em Paris. Organizou a Semana Europeia da Poesia, no âmbito da Lisboa '94 – Capital Europeia da Cultura. Foi diretor da *Revista Colóquio-Letras* da Fundação Calouste Gulbenkian. Sua obra inclui antologias, edições de crítica literária, estudos sobre Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa. Mantinha colaboração regular na imprensa. Lançou, em 1993, a antologia sobre literatura portuguesa do século XX, *Voyage dans un siècle de Littérature Portugaise*. Tem obras traduzidas na Espanha, Itália, Venezuela, Inglaterra, França, México, Irã, China, Albânia, Suécia, Dinamarca, Grécia, Marrocos, Líbano, Colômbia, Canadá e República Tcheca. Morreu a 17 de março de 2024, em Lisboa.

O pardal e o tempo

Por Peilton Sena*

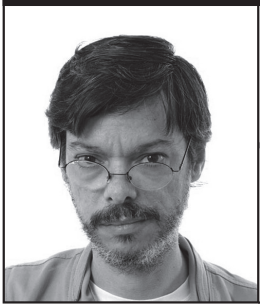
Na cidade que não dorme, o casal acordou bem cedo quando o céu ainda era um manto negro salpicado de estrelas cintilantes. E nos primeiros raios da aurora voou à procura de um lugar seguro para construir um ninho. Estavam juntos há dois meses. Sobrevoaram por várias ruas até encontrarem num poste de semáforo, instalado numa movimentada avenida da cidade, o local ideal. Era a primeira vez que a pardoca iria colocar os seus preciosos ovos fora da floresta e queria fazê-lo num cantinho do mundo de aconchego e sossego, longe de predadores e de tudo o que fosse nocivo ao nascimento de seus tão aguardados filhotes. Entraram por um tubo de aço que sustentava o semáforo e, após cuidadosa análise, decidiram que ali era um ótimo lugar! Saíram e voaram novamente em busca de galhos, vegetação seca, papel e outros materiais que tornassem a construção do ninho segura e confortável para o nascimento dos pardaizinhos. Trabalharam exaustivamente até que o ninho ficasse pronto. E nessas idas e vindas, comentavam entre si como lá embaixo os humanos passavam velozmente pela vida zigzagando em seus carros ou na correria dos passos apressados dos transeuntes que atravessavam a passarela. Para onde vão com tanta pressa, se a morte é coisa certa e a vida apenas o momento em que estamos vivendo? Se perguntava o jovem casal.

O pardal macho, além de exímio construtor de ninhos, era também um poeta. Impressionado como os humanos tratam com tanta negligência o tempo, uma bela tarde, escreveu o seguinte poema, inspirado nas cenas

que via passar cotidianamente em frente ao buraco do cano de ferro no qual instalara o ninho, declamando-o para sua companheira: Tempo de pressa / corre, corre, corre / Quem não se adianta / morre, morre, morre / Cadê a VIDA? / Perdeu o sentido, o trem, o navio, o avião / E o ônibus acabou de partir veloz da estação / Corre, corre, corre / Senão morre, morre, morre / Cadê a VIDA? / Passou tão depressa / Não deixou felicidade / Foi vista pela última vez / Em alta velocidade. Após o bater de asas pela declamação do poema, a fêmea logo questionou: “Realmente para que tanta pressa vivem esses humanos?” E o pardal poeta respondeu: “Eles não vivem minha querida, estão apenas passando pela vida, desperdiçam o que tem de mais valioso. O tempo é uma roda que só gira para frente, levando tudo em sua passagem, de bicho a gente. Sempre vai além, mas só vai, não vem. Não há relógio que o prenda, nem cela que o encerre. Porque ele escorre, pulsa, vibra e só anda de ida. O tempo é livre como os pássaros, mas os humanos, como fazem com alguns de nós, não o valorizam e insistem em querer enclausurá-lo em suas gaiolas. Pensando que o terão ao seu bel-prazer, como o canto triste dos pássaros que vivem engaiolados em suas casas e apartamentos. Mas são eles que vivem presos: acorrentados ao passado ou amarrados ao futuro. Para nós, cada minuto é tão precioso quanto os pedacinhos de pão, sementes de capim e os insetos que recolhemos para nos alimentar e alimentar nossos filhotes. Ambos são imprescindíveis ao nosso existir. Estamos vivendo sempre no tempo presente. Pois é nele que o milagre da vida acontece todos os dias.”

E, assim, a noite chegou e o casal foi dormir pensando em suas próprias reflexões. E após 14 dias, os filhotes nasceram para a alegria dos pais e o dobro de trabalho. Afinal, agora teriam que alimentar oito bocas famintas. Mas o feliz casal deu conta da tarefa e em 15 dias, os pardaizinhos estavam prontos para deixarem o ninho e seguirem, ou melhor dizendo, voarem por conta própria os seus destinos.

*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras e da ALAPG/SP.



Por Zé Roberto

arte Desenharte

zerobertograuna@gmail.com

PIRACICABA E A RESISTÊNCIA DO HUMOR GRÁFICO IMPRESSO



Érico San Juan com seu Capiiau.

Não bastasse a cidade de Piracicaba ser a localidade onde acontece, há mais de 50 anos, o mais grandioso e longo evento de humor gráfico do mundo, o município é também sede de dois projetos jornalísticos alternativos cheios de humor e graça.

Na contramão do momento, as duas publicações insistem em resistir. Na velha batalha da imprensa alternativa impressa contra a realidade do mercado editorial, encarando a crise, que a cada ano vem enterrando editoras, jornais e revistas no país, reduzindo cada vez mais os poucos espaços para nossos cartunistas exibirem seus desenhos humorísticos, Piracicaba mantém pelo menos dois veículos impressos com o que de melhor temos no cartum brasileiro. Os dois títulos são editados por velhos conhecidos do desenho de humor piracicabano.

O tabloide *Capiiau*, editado pelo cartunista Érico San Juan (@ericosanjuan), surgiu em novembro de 2023 e circula no jornal *A Tribuna Piracicabana*, com 8 páginas e em

edições mensais. O alternativo, editado por Érico, mistura textos e desenhos, apresentando alguns dos mais importantes cartunistas e caricaturistas da nossa imprensa, mas também abre suas páginas para desenhistas ainda pouco conhecidos.

Érico é nascido em 1976, atua como ilustrador desde 1991, é graduado em *Design Gráfico* pela UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba e é radialista e locutor. Seus trabalhos integraram mais de 30 livros e 80 exposições; desde 1995. Editou a página de humor *Rio*, no jornal *A Tribuna Piracicabana* e o jornal de humor *Caricaras*. Criador da tirinha Dito, o Bendito, que completou 30 anos em 2023, é produtor e apresentador do *Ilustre Podcast*, da TV Metropolitana de Piracicaba, que pode ser apreciado no Youtube.

No Instagram, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode conhecer um pouco mais sobre as edições de *Capiiau* no perfil @capiiau.humor, ou ainda digitar linktr.ee/capiiau.humor e visitar as versões em PDF da publicação.

Outro cartunista de Piracicaba, Erasmo Spadotto (@erasmo-cartunista), este trabalhando em equipe, forma um interessante trio com seu colega de lápis e pincel Eduardo Grosso (@edugrosso59) e o músico Alê Bragion (@alebragion). Os três estão à frente do *Calhau*, que é uma seção que circula aos domingos no jornal *Gazeta de Piracicaba*. Com duas páginas, a publicação exhibe um pouco do que os muitos desenhistas de humor brasileiros produzem, quando os três editores selecionam as artes dos cartunistas e mesclam nomes de artistas consagrados e jovens talentosos.

Erasmo Spadotto começou sua carreira no *Jornal de Piracicaba* e, a partir daí, atua com artes somando uma trajetória de mais de 25 anos na imprensa local. Em 2003, criou o personagem Capivara, publicado em mais de 6 mil tirinhas; já Edu Grosso é cartunista bastante conhecido por suas participações no famoso Salão de Humor, a partir dos anos 1980. O interessante sobre a dupla de desenhistas de humor é que ambos atuaram frente ao CEDHU – Centro Nacional de Documentação, Pesquisa e Divulgação de Humor Gráfico de Piracicaba.

Grosso atuou como diretor da entidade a partir de 2010, permanecendo no cargo por 7 anos, enquanto Spadotto foi diretor do Salão Internacional de Humor de Piracicaba entre os anos de 2017 a 2020. Quer dizer, em matéria de salão de humor e caricatura, os dois desenhistas têm conhecimento de sobra. Junto com a dupla de cartunistas está Alê Bragion, mestre e doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, é escritor, músico e chargista amador, estuda a confluência das linguagens verbal e não verbal na produção da arte.

Circulando desde novembro de 2023, o projeto *Calhau* está no Instagram e pode ser apreciado no perfil @calhauhonor.

Saúde e Arte!

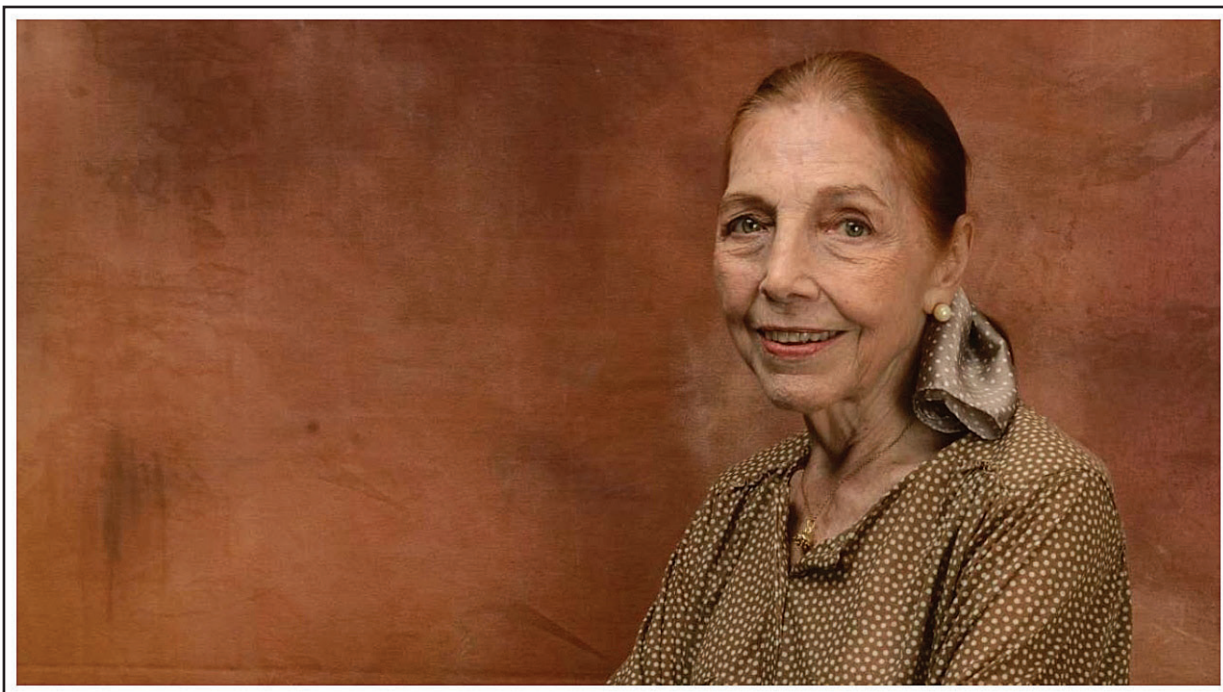
Alê Bragion, Edu Grosso e Erasmo S. Padotto, os editores do Calhau.



Marina Colasanti, uma passageira em trânsito eterno

Por Manoela Ferrari

“O silêncio da casa é feito dos barulhos de fora. Se tudo em volta se calasse, minha respiração seria ensurdecedora.” (Marina Colasanti)



Décima mulher a conquistar um dos principais prêmios literários do país – o cobiçado Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, em 2023 – a escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti deixou triste uma legião de fãs, no dia 28 de janeiro, data em que morreu, aos 87 anos.

Autora de mais de 70 obras para crianças e adultos, Marina sofria de Parkinson e morreu em decorrência de uma pneumonia.

Nove vezes vencedora do prêmio Jabuti, com uma narrativa vasta, atemporal e inesquecível, a escritora acumulou dezenas de outras premiações ao longo da carreira.

Com a arte no DNA, sobrinha da cantora lírica Gabriela Bezanson, Marina Colasanti nasceu em 26 de setembro de 1937, na cidade de Asmara, capital da Eritreia. Passou parte da infância em Trípoli, na Líbia e na Itália.

Por conta da difícil situação vivida na Europa após a Segunda Guerra Mundial, emigrou com a família para o Brasil, em 1948, fixando residência no Rio de Janeiro. Com dupla nacionalidade (brasileira e italiana), estudou na Escola Nacional de Belas Artes, de 1952 a 1956.

No início da carreira, escreveu textos para alguns periódicos e trabalhou como entrevistadora e apresentadora de programas televisivos. Começou a trabalhar no *Jornal do Brasil*, em 1962. Ali, foi redatora, cronista, ilustradora, além de ser editora do Caderno Infantil.

Em 1968, publicou seu primeiro livro, *Eu Sozinha*. Sua obra inaugural é um livro de solidão. A solidão como companheira, desde o nascimento, na África, até o presente em que foi escrito,

“Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.” (MC)

num apartamento em Ipanema. Afasta-se da autobiografia porque não conta a história de uma vida, mas transmite a marca da solidão de uma mulher jovem que caminha só, mora só, viaja só, trabalha só, mesmo quando há ao lado a ilusão dolorosa de outras proximidades. O livro foi organizado em dois planos narrativos paralelos, sendo os capítulos pares relativos a momentos presentes, enquanto os ímpares são autobiográficos. “O que desejava, através dessa estrutura, era mostrar que a solidão se constrói desde o início, estejamos ou não acompanhados, e que desde o início nos acompanha”, explicou Marina, na época.

Em 1971, casou-se com o também escritor Affonso Romano de Sant’Anna. Foi editora da seção Segundo Tempo do *Jornal dos Sports*, onde permaneceu até 1973. Escreveu também para as revistas, *Senhor, Fatos e Fotos, Ele e Ela, Fair-play, Cláudia e Joia*. Em 1974, apresentou o noticiário *Primeira Mão*, da TV Rio.

Em 1976, entrou para a Editora Abril, onde passou a ser Editora de Comportamento da revista *Nova*. Recebeu o Prêmio Abril de Jornalismo em 1978, 1980 e 1982. Entre fevereiro e julho de 1986, escreveu crônicas para a revista *Manchete*. Em 1992, deixou a Editora.

Profissional de múltiplos talentos, exerceu várias atividades na televisão, onde foi entrevistadora e apresentou programas na TV Tupi, TV Rio e TVE. Foi âncora do programa cinematográfico *Sábado Forte* e do programa *Imagens da Itália*, ambos na TVE, patrocinado pelo Instituto Italiano de Cultura. Traduziu importantes obras de autores da literatura universal, entre eles, *As Aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi, 2002, *A Pequena Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, 2015 e *Imagine*, de John Lennon, 2017.

Publicou diversas obras, participou de vários eventos literários, no Brasil e no exterior, recebeu mais de 20 prêmios em diferentes categorias da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além de nove estatuetas do Prêmio Jabuti – o último deles em 2014, por *Breve História de um Pequeno Amor* (FTD), considerado o melhor lançamento de ficção na ocasião.

Uma das escritoras mais premiadas do país, entre suas obras destacam-se: *Entre a Espada e a Rosa, Rota de Colisão, Ana Z, Aonde Vai Você?, Eu Sei Mas Não Devia, Passageira em Trânsito, Antes de Virar Gigante*. Em 2011, recebeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura – 3º lugar, com *Minha Guerra Alheia*.

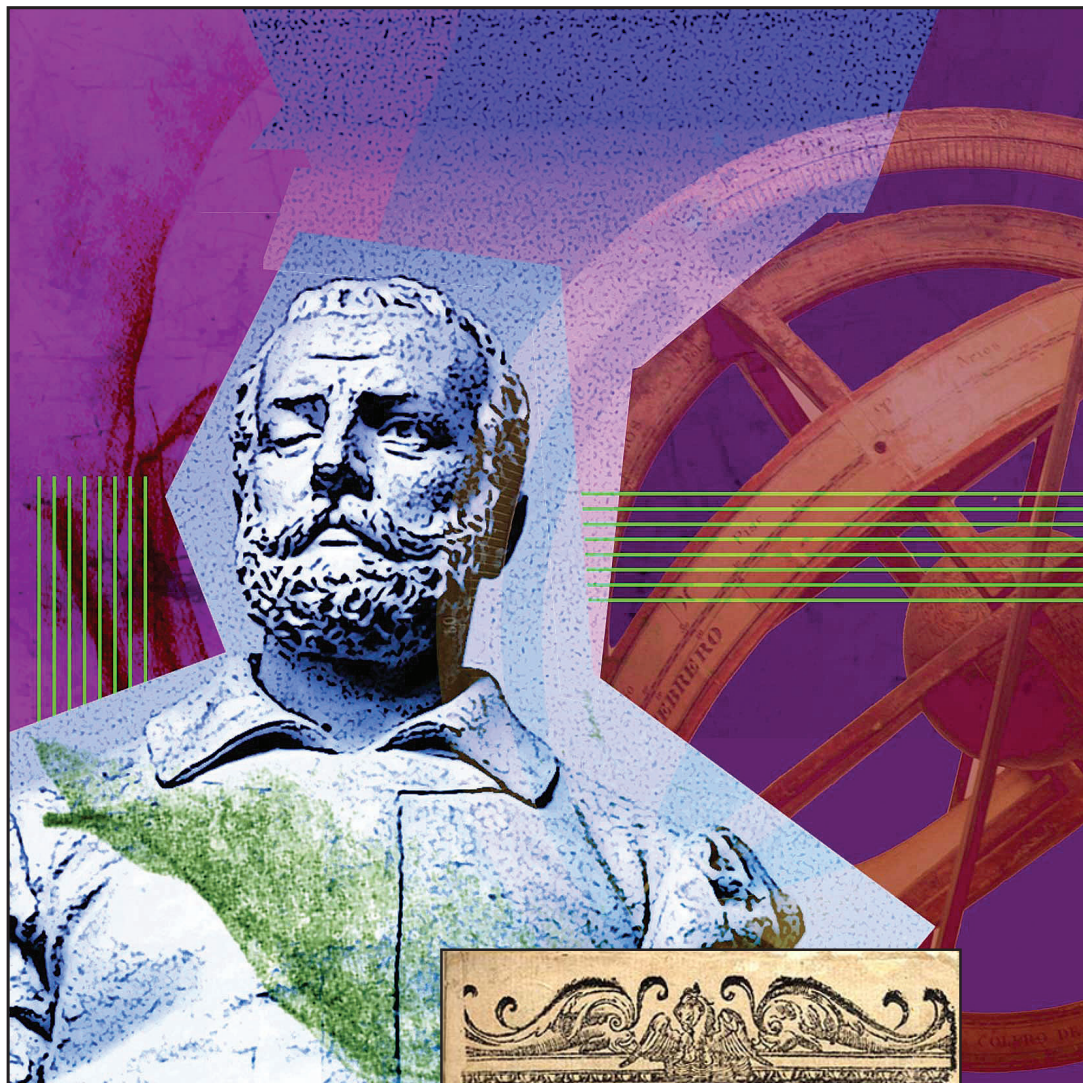
Seus últimos trabalhos foram *Passageira em Trânsito* (2010), *Hora de Alimentar Serpentes* (2013), *Como uma Carta de Amor* (2014), *Mais de Cem Histórias Maravilhosas* (2015), *Melhores Crônicas* (2016), *Tudo Tem Princípio e Fim* (2017), *Quando a Primavera Chegar* (2017), *Um Amigo para Sempre* (2017) e *Mais Classificados e Nem Tanto* (2019).

Escritora brilhante, mulher de múltiplos talentos, Marina Colasanti deixa um legado inestimável para a literatura brasileira. Sua obra é marcada pela sensibilidade, profundidade e pela capacidade de transformar palavras em experiências universais, tocando leitores de todas as idades.

“Não existem vidas insignificantes. Cada vida é um universo estelar em que outras vidas orbitam com seus temores e seus amores. E para cada vida, todo dia, do passado ou do futuro, vale muitos anos luz.” (MC)

Camões, qual a ortografia?

Por Antônio Valdemar



Camões, por Álvaro Carrilho (2025).

Um dos temas fundamentais no Vº centenário do nascimento de Camões deverá incidir na definição da ortografia a adotar nas reedições d'*Os Lusíadas*, dos sonetos, das odes e das elegias para obterem a maior repercussão no público de todos os países de língua portuguesa

O Vº centenário do nascimento de Camões é uma efeméride que não se deverá limitar aos ajustes de contas, às interpretações circunspectas de eruditos agarrados ao pescoço dos pelicanos e a outras questões de interesse restrito. O principal objetivo destas comemorações deverá estimular uma aproximação o mais extensa possível d'*Os Lusíadas*, dos sonetos, das odes e das elegias junto do público mais diversificado e de todos os países de língua portuguesa.

É ponto assente que os primeiros biógrafos e os primeiros comentadores de Camões não registraram, com o devido rigor, as datas e os fatos indispensáveis para um conhecimento inques-

tionável do dia e do local do nascimento, das origens familiares, dos estudos que fez e onde os fez, das razões que determinaram a deslocação para África e para o Oriente e, ainda, do próprio dia em que faleceu.

Assim se construíram inúmeras versões tendenciosas, destinadas a obter exaltações nacionalistas, efeitos políticos e finalidades religiosas. Muitas destes propositados embustes foram desmascarados por Aquilino Ribeiro, na obra *Camões Fabuloso e Verdadeiro* – cuja última edição teve a honra de prefaciar – e onde, capítulo a capítulo, procurou esvaziar os mitos, os lugares comuns, as ideias convencionais que se consolidaram, ao longo dos séculos.

Mas regressemos a um dos objetivos fundamentais neste centenário: alcançar a maior repercussão da obra de Camões. Qual a ortografia a adotar nas edições destinadas ao grande público? Está mais do que provado que, em 1572, as duas edições d'*Os Lusíadas* se encontram repletas de gralhas e outras imperfeições de composição. O próprio Camões procedeu, em 1572, a uma revisão, mas não contemplou todos os erros detectados.

Numa longa entrevista que me concedeu, para o *Diário de Notícias*, David Jackson, professor da Universidade de Yale e estudioso de renome internacional de Camões, pormenorizou os resultados das pesquisas que realizou ao consultar 34 exemplares d'*Os Lusíadas*, editados em 1572, existentes não só em Portugal e no Brasil, mas em bibliotecas públicas e privadas dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Itália, da Espanha, da França e da Alemanha. Ao todo encontrou *mais de duas mil diferenças*.

Feitas as devidas correções e ao estabelecer a autenticidade do texto, é inevitável perguntar, uma vez que continuam ao rubro as polémicas em redor do Acordo Ortográfico de 1990: qual a ortografia a adotar, numa edição de 2025, que não se pretende monumental, nem faustosa como, por exemplo, a do Morgado Mateus, mas de uso prático e cotidiano?

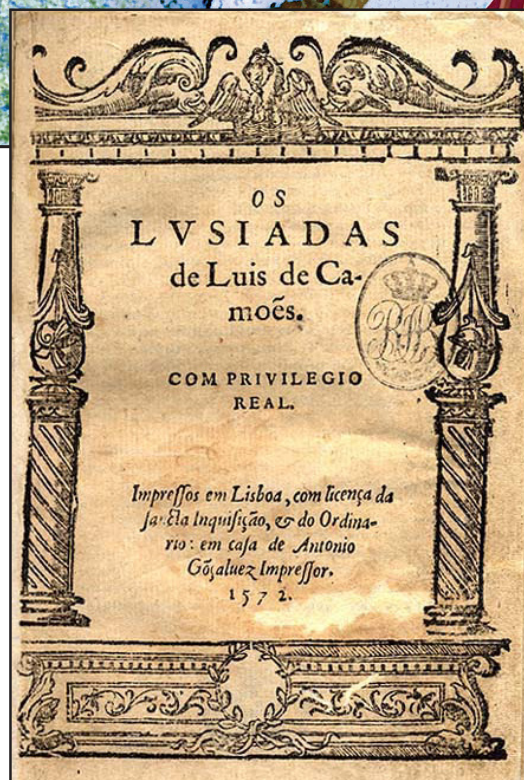
Até agora o Acordo Ortográfico de 1990 – que pretendia atingir uma unificação em todos os países de língua portuguesa – falhou no seu objetivo primordial. Dividiu ainda mais estes países, criando três normas ortográficas: a do Brasil, a de Portugal e a dos restantes países africanos e asiáticos que não implantaram o Acordo, apesar de o terem subscrito.

Quando haverá um consenso básico entre linguistas, filólogos, acadêmicos, jornalistas, escritores e tradutores? Um consenso, também, alargado a outras áreas universitárias e aos setores políticos e empresariais dos vários países de língua portuguesa?

A situação é tanto mais grave e complexa quanto as palavras em Camões têm o poder fascinante de dialogar com os outros; para intensificar as aproximações e resistir aos extremismos políticos e partidários; para enfrentar o discurso de ódio e violência que, a cada instante, se acentua nas redes digitais.

Camões invocou n'*Os Lusíadas* “a paz angélica e dourada” e a “paz áurea, divina”. A urgência do combate, perante as guerras inevitáveis, impôs a remoção d’“a ferrugem da paz”. Celebrou e com toda a energia a “aliança da paz e da amizade”, para que “firmemente permaneça” “o nó da amizade”, em face de “toda a adversidade”.

Este é um dos legados de Camões, expresso através d'*Os Lusíadas*, para a formação inadiável de uma consciência coletiva enraizada nos princípios mais nobres da solidariedade humana.



Capa de *Os Lusíadas*, na edição de 1572.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
 momentos da sua vida.**

Abre-te, Sésamo!

Por Gilberto Schwartzmann*

Num tempo em que a boa literatura concorre com as novas formas de comunicação, eu continuo um fervoroso adepto da leitura. Um bom livro nos consola, dá prazer, apela aos nossos sentidos e alimenta o nosso intelecto. É um valioso recurso para aliviar as nossas angústias existenciais. É impossível fazer a apologia da boa leitura sem mencionar Marcel Proust, autor da obra clássica *Em Busca do Tempo Perdido*. O seu prazer pela leitura aparece anos antes, no prefácio intitulado “Sobre a leitura”, na tradução para o francês de *Sésamo e Lírios*, de John Ruskin. Na obra, é feita a analogia do valor da leitura com a expressão “Abre-te, Sésamo!”, palavras mágicas de *Ali Babá e os Quarenta Ladrões* para abrir a caverna dos tesouros, numa das histórias das *As Mil e uma Noites*. A leitura seria o “Abre-te, Sésamo!” com o qual o leitor poderia penetrar no mundo maravilhoso dos livros. Para Ruskin, o livro oferece ao leitor a melhor versão de quem o escreve.

A leitura instiga a imaginação e faz com que o leitor viva em pensamentos as vidas que jamais viverá na realidade, expandindo o texto escrito pelo autor e dando-lhe os destinos mais inesperados. Em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a traição de Capitu pode ou não ter existido. E se existiu, pode assumir as formas que a imaginação do leitor deseje. Eu recorro os meus primeiros mergulhos literários, quando minha irmã lia para mim *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato e as *Fábulas*, de Esopo. Depois, tornei-me fã das enciclopédias – eu amava *O Mirador!* Com seus verbetes, alguns ilustrados, eu despertei para o sexo, procurando as figuras nuas femininas de Debret. Descobri, então, a literatura de Érico Veríssimo – eu adorei *Olhai os Lírios do Campo!* – e torci para que Eugênio optasse pela doçura de Olívia e não pela futilidade de Eunice. Li também livros de aventuras, como *A Ilha do Tesouro* e *O Médico e o Monstro*, de Stevenson.

Com o passar dos anos e o estímulo dos meus professores, tomei gosto pelas obras clássicas, que não são chamadas assim por acaso – elas têm algo de atemporal e de universal. Há que se ler Shakespeare, Homero, Dante, Cervantes, Balzac, Dostoiévski, Tolstói, Proust, Joyce ou Kafka, se quisermos saber como foi a passagem do homem pela Terra. A leitura não se presta à superficialidade. Ela exige concentração e reflexão, para que a mensagem enviada pelo autor possa chegar ao leitor. Num bom livro, há a sensação de que o “fogo de Prometeu” vai direto ao coração. Eliot afirmava que o escritor não escreve sozinho, mas traz a marca dos escritores que o antecederam. Depois de ler Kafka, Borges conta que passou a entender muitas de suas leituras anteriores. Quando li *A Pele do Onagro*, de Balzac, impressionou-me a mistura de realidade e fantasia. Precisei ler Borges, anos depois, para entender esta obra. Meu conselho ao jovem leitor é começar pela poesia ou por histórias curtas. O conto *Uma Alma Simples*, de Flaubert, é um exemplo. O leitor amará Felicité e o seu papagaio Lulu. Há uma grande literatura feita de textos curtos. Borges escreveu maravilhas em poucas páginas – o *Aleph*, *A Biblioteca de Babel*, *O Sul* ou *O Livro de Areia*. Recomendo *O Capote*, de Gogol; *O Coração Revelador*, de Poe; *A Dama do Cachorrinho*, de Tchekhov; *O Cavalheiro de São Francisco*, de Bunin; *A Invenção de Morel*, de Bloy Casares; e dentre os contos mais longos *Eles*, de Kipling, autor do belo poema *Se*.

Depois, o leitor poderá lançar-se nos mares mais profundos do romance. Tolstói, nas páginas iniciais de *Anna Karenina*, observa que as famílias se assemelham na felicidade, mas cada uma tem a sua forma de lidar com o sofrimento. São dele *Guerra e Paz* e *A Morte de Ivan Ilitch* – este último um romance curto, mas que nos faz refletir sobre o sentido das nossas vidas. Para saber sobre os tipos humanos, não há nada como a dramaturgia de Shakespeare. *Hamlet* é a peça teatral mais exibida de todos os tempos. Do bardo inglês, há *Rei Lear*, *Macbeth*, *Romeu e Julieta*, *Othelo* e outras maravilhas. Harold Bloom afirmava que a obra de Shakespeare representa quase a invenção do humano, por ser o resultado de um processo de autoconhecimento através da literatura, fruto de um diálogo do autor consigo mesmo e não com divindades. Não há quem supere Homero para nos ensinar – com *A Ilíada* – como viviam e pensavam os gregos no mundo antigo; ou sobre as grandes epopeias dos mares – com a *Odisseia* – inspiração para clássicos que viriam depois, como *A Eneida*, de Virgílio, ou *Os Lusíadas*, de Camões. Para aprender sobre a força da natureza, uma boa leitura é *Moby Dick*, de Herman Melville; e para lembrar do absurdo ou da ausência de sentido de nossas vidas, recomendo a leitura de *O Estrangeiro*, de Camus.

Sobre a grande peste do século XIV, nada supera *O Decameron*, de Boccaccio, que reúne histórias bem-humoradas, contadas por sete moças e três rapazes da sociedade florentina, que, para fugir da doença, confinam-se numa confortável casa no campo. Quem quiser saber como pensava o homem europeu da Idade Média, leia a *Divina Comédia*, do “sumo poeta” Dante Alighieri. É através deste longo e belo poema, escrito na “linguagem falada pelas mulheres nas ruas”, que o idioma italiano se consolida. O que dizer do *Dom Quixote*, de Cervantes, que – nas palavras de Borges – não era um personagem da obra e sim um amigo de todas as horas? Cervantes cria

uma paródia dos romances de cavalaria, para mim a obra mais representativa da literatura de língua espanhola (secundada, penso, por *Cem Anos de Solidão*, de Garcia Marques). O leitor interessado nas angústias do homem das primeiras décadas do século XX deve ler *A Metamorfose*, de Kafka. É um texto curto e que prende a atenção do leitor – não é comum despertar, numa certa manhã, transformado numa barata gigante. Outra leitura – mais difícil – seria *No Caminho de Swann*, o primeiro dos sete volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust, uma beleza de construção literária. Quem sabe, o leitor seguirá adiante na leitura dos volumes restantes.

Os mais corajosos podem tentar o quase indecifrável *Ulisses*, de James Joyce, que descreve as vinte e quatro horas do dia de um homem comum, inspirado na sequência dos eventos descritos na *Odisseia*, de Homero. Eu não perderia a chance de ler *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann. O personagem central Castorp conduz o leitor pelos meandros de um asilo para tuberculosos em Davos, na Suíça, onde aprenderá sobre a terrível doença e, mais importante, sobre o pensamento do homem europeu do período que antecede a Primeira Guerra. Bandeira esteve internado num sanatório suíço para tratar a sua tuberculose. Há outros romances que me tocaram profundamente, como *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, com os lugares de nomes femininos e os relatos de Marco Polo ao imperador Kublai Khan; ou *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse – lembro que eu, adolescente, identifiquei-me com o personagem do cinquentão atormentado. Há também dignidade de *O Velho e o Mar*, de Hemingway; ou a dureza de *O Jogador*, de Dostoiévski, com o qual dei-me conta do poder destrutivo da compulsão de jogar. Desfrutei o realismo de *A Comédia Humana*, de Balzac, um fiel retrato da sociedade francesa de sua época, que li uma parte, mas não toda; as aventuras de *Oliver Twist* e as histórias quase autobiográficas de *David Copperfield*, de Dickens; e a obstinação de Jean Valjean em proteger Fantine e a pequena Cosette, e a perseguição incansável do inspetor Javert, em *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Dos autores mais recentes, não posso esquecer de recomendar ao leitor a linguagem cuidadosa de *Conversa na Catedral*, de Vargas Llosa; e as surpresas de *O Jogo da Amarelinha*, de Cortázar.

Para nós, leitores da língua portuguesa, há que desfrutar a riqueza poética dos heterônimos de Pessoa, em *Tabacaria* ou *Poema em Linha Reta*, de Álvaro de Campos; e *Num Meio-Dia de Fim de Primavera*, de Alberto Caeiro; ou *Autopsicografia* e *Mar Português*, de Pessoa ele mesmo, em que o poeta diz que “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. Adolescente, eu li *Os Maias*, de Eça de Queiroz; depois, *O Crime do Padre Amaro*. Eça apresentou-me ao pecado. Há que lembrar do *Memorial do Convento* e do *Ensaio sobre a Cegueira*, de Saramago e tantas obras maravilhosas. Dos brasileiros, há Machado, de quem já citei *Dom Casmurro* e destaco a ironia fina, a crítica social e a bem-humorada antecipação da literatura fantástica em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Há o monumental *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, com mais de seiscentas páginas de uma narrativa cheia de neologismos e sem descanso, regional só na aparência do sertão árido de Minas, dos enfrentamentos entre bandos de jagunços, num Brasil quase sem lei, mas que ao final percebemos ser o embate entre deus e o diabo, tão universal como o *Fausto*, de Goethe. Há também as obras de Graciliano, Euclides da Cunha, Clarice, Jorge Amado, Érico, Bandeira, Drummond, João Cabral e tantos outros.

Numa entrevista com Evanildo Bechara, ele lembrou que, mais importante do que memorizar regras gramaticais, a leitura é a melhor maneira de dominar um idioma. No curso secundário, uma professora orientou-me a adquirir uma edição da *Divina Comédia* que contivesse os versos originais no italiano e ao lado a sua tradução para o português. O seu argumento era que a poesia é antes de tudo a “música” contida nas palavras e que isto só é percebido ao ler em voz alta os versos no original – o sentido vem depois. Se eu pudesse aconselhar o leitor, eu diria que não perca tempo com leituras que não o agradem. Fique com os textos que capturem a sua curiosidade. Ao ler o que dá prazer, os encantamentos da boa literatura terão mais chance de penetrar o coração. Uma vez refém do livro, o leitor pode permitir-se voos mais elevados. Atenção: um bom livro pode causar mal-estar, quando se trata de temas mais difíceis. Ao ler *Crime e Castigo* ou *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski; ou *Lolita*, de Nabokov, o leitor entenderá o sentido de minhas palavras.

O milagre da literatura se dá quando o texto chega ao leitor e triunfa. Ele compreenderá, então, não mais o texto, mas o sentimento nele depositado pelo autor. Escrever um livro é algo muito sério. Proust impôs a si próprio um exílio em seu quarto de dormir, para criar a sua obra-prima, *Em Busca do Tempo Perdido*. Para que nada lhe tirasse a concentração, ele tratou de atenuar o ruído das ruas, mandando aplicar um revestimento de cortiça nas janelas do seu quarto. Isto se justifica na premissa de que o autor dá ao texto o seu melhor. Talvez esteja aí a essência da leitura, a possibilidade de que, através do livro, possamos desfrutar do que há de mais profundo na experiência humana. Quando li *Noites Brancas*, de Dostoiévski, eu entendi o que é sonhar através da leitura. Imaginei ser capaz de conquistar o coração da jovem Nastienka, no indescritível branco das noites de fim de junho, na bela São Petersburgo, mesmo ante a impossibilidade de ser por ela correspondido.

* Ensaio utilizado como prólogo do novo livro de Gilberto Schwartzmann, *I Teatro de Amor ao Livro* (Ed. Sulina, 2025).

Ainda estamos aqui

Por Vera Lúcia de Oliveira

Ainda estou aqui está em Hollywood, mas não está. O filme brasileiro concorre ao Oscar de melhor filme estrangeiro, mas está longe de ser hollywoodiano...

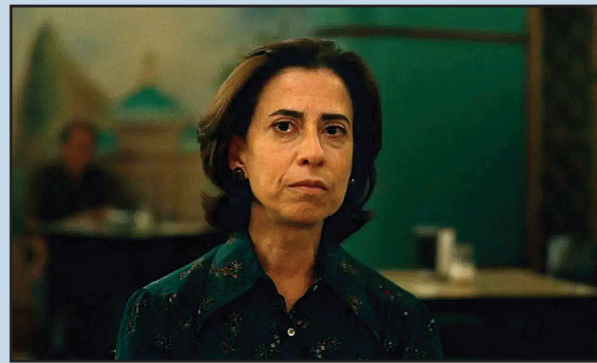
O filme de Walter Moreira Salles Júnior, o *Waltinho*, como é chamado pelos brasileiros admiradores de seu trabalho de cineasta engajado, não tem peripécias. Não tem reviravoltas de tirar o fôlego dos espectadores. Não tem truques ou achados “inteligentes” para surpreender. O que tem então para prender a atenção do público do começo ao fim nas mais de duas horas de duração? Tem o olho e o olhar de Fernanda Torres, a *Fernandinha* (assim chamada pelos amigos para diferenciá-la da mãe Fernanda Montenegro, a *Fernandona*, cuja aparição no filme também merece o Oscar). O olho de *Fernandinha* é a câmera do filme. Olha e vê com expressividade rara. Atenta aos mínimos movimentos, faz o espectador sentir o que ela sente. O olhar dela fala e passa verdade e emoção. Como disse Aristóteles, só convence quem está tomado de emoção.

Na primeira parte do filme, o Rio de Janeiro, sobretudo o calmo Leblon, era só felicidade: o mar onde Eunice nadava, a praia, o sol, a alegria de viver. E a casa. A casa era mais que uma casa, era um lar feliz. Tinha pai, mãe, cinco filhos, cachorro, amigos, comida boa na mesa e a desordem do amor, pois ali vivia uma família amorosa (sem estereótipos – essa uma das qualidades do filme: não há pastiche nem maniqueísmo). E tinha muito riso também.

Mas um dia a casa iria cair. O olho *Fernandinha/Eunice* anteviu. Viu os caminhões lotados de soldados armados passando pela avenida beira-mar quando a família se divertia na praia. E, com preocupação, vimos com ela.

Depois, numa segunda parte, o tempo fechou. Cerraram as cortinas, levaram o pai, Rubens Paiva, e a família, que sorria unida, chorou unida. A casa, invadida pelo Estado opressor, perdeu o pai, a liberdade, a privacidade e a alegria. Agora Eunice era mãe e pai, e mulher vigiada. Eunice continua a procurar o marido. Mas o marido amado não havia mais. Eunice perdeu tudo, mas seguiu em frente. Virou mãe-coragem. Conheceu a dor, a prisão, a humilhação. Fortalecida, porém, pelo amor do marido ausente/presente e pelo amor dos filhos, abraçou-os, colocou-os debaixo das asas e “voou” para São Paulo. Diferentemente de *Penélope*, não esperou o amado sentada, tecendo.

A primeira cena na cidade de São Paulo, 25 anos depois, é significativamente na água. Não mais o mar imenso, azul, aberto, ensolarado, mas uma piscina fechada em que uma mulher nada: é filha de Eunice. Onde está Eunice, a nadadora da manhã? O que fez nesse quarto de século? Fez muito.



Estudou Direito, engajou-se em causas sociais em defesa dos perseguidos e espoliados, a exemplo da luta pelas terras indígenas. Eunice torna-se gigante: não tem medo de altura nem de ditadura. O olho de Eunice vê longe, do alto, e nunca conheceu o medo ou a covardia.

Mais 15 anos se passaram. Eunice não sabe mais quem é. Mas os filhos e nós espectadores sabemos *quem* ela é...

Waltinho Moreira Salles poderia ter feito um filme espetaculoso, ou raivoso, mas preferiu a sobriedade. O único militar que aparece é o general Emílio Garrastazu Médici, num cartaz nos porões da prisão do Exército. (A sutileza vale por mil imagens). Infeliz lembrança dos “anos de chumbo” de meados de 1970. Os sombrios porões da ditadura são mostrados pelos corredores sendo lavados, para exorcizar as marcas de sangue, e pelos gritos inúteis dos torturados ecoando ao fundo, como as almas penadas do inferno de Dante. Nenhuma cena a mais. Os homens do regime, tristes figuras, são representantes do que Hannah Arendt chamou “a banalidade do mal”. Homens imbecilizados e alienados cumpridores de ordens de ridículos tiranos, que perderam a humanidade, se é que a tiveram um dia...

Waltinho fez um filme emocionante e delicado. Quis tão somente contar uma história, que preferiríamos fosse ficção, mas não é. Pois é a história dolorosamente verdadeira de Rubens Beyrodt Paiva, brasileiro, ex-deputado federal pelo PTB, engenheiro civil, e sua mulher Maria Lucrecia Eunice Facciola Paiva, contada pelos olhos da *Fernandinha/Eunice* que, como *Antígona*, heroína da tragédia de Sófocles, queria apenas enterrar seu ente querido.

Eunice não está mais entre nós. Mas está – e sempre estará – aqui, no coração de cada brasileiro que ama a democracia e luta pela liberdade e que, como *Joana D’Arc*, sabe que o verdadeiro túmulo dos heróis é o coração dos vivos.

Toda teoria tem um Lado PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br

UMA QUESTÃO URGENTE PARA O NOSSO SÉCULO

BonPote Anne Brès Claire Marc [org.]

PARA ENTENDER (QUASE) TUDO SOBRE O CLIMA



edições
Sesc

Especialistas das ciências naturais se reúnem neste livro para explicar os impactos humanos no ecossistema planetário, além de esclarecer informações falsas que prejudicam um debate cada vez mais necessário.

sescsp.org.br/edicoes

    /edicoessescsp

edições
Sesc